

*Companheirismo*  
**com Deus**

**12**

OUSAR SER  
COMO JONAS?  
Um desafio.

**24**

FÉ E FAMÍLIA  
Uma história  
portuguesa de fé.

**28**

UM PADRÃO DIGNO  
DE SER SEGUIDO  
Uma estratégia para hoje.



1 646188 618089

PUBLICADORA SERVIR  
AGOSTO 2018  
N. 855 | ANO 78 | €1,90

# 3<sup>o</sup> Discípulo

Vem e Segue-me

"Eis que cedo venho." A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

DIRETOR **António Amorim**

DIRETOR DE REDAÇÃO **Lara Figueiredo**

COORDENADOR EDITORIAL **Paulo Lima**

E-MAIL [revista.adventista@pservir.pt](mailto:revista.adventista@pservir.pt)

COLABORADORES DE REDAÇÃO **Manuel Ferro**

DESIGN GRÁFICO **Rita Mendes Sadio**

ILUSTRAÇÕES DA REVISTA © **Adobe Stock**

PROPRIETÁRIA E EDITORA **PUBLICADORA SerVir, S. A.**

DIRETOR **Artur Guimarães**

SEDE E ADMINISTRAÇÃO **Rua da Serra, 1 – Sabugo  
2715-398 Almagem do Bispo | 21 962 62 00**

**CONTROLO DE ASSINANTES Paulo Santos**  
[assinaturas@pservir.pt](mailto:assinaturas@pservir.pt) | **21 962 62 19**

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

**MDI – Design e Impressão, V. N. Famalicão**

TIRAGEM **1500 exemplares**

DEPÓSITO LEGAL **Nº 1834/83**

PREÇO NÚMERO AVULSO **1,90€**

ASSINATURA ANUAL **19,00€**

ISENTO DE INSCRIÇÃO NO E. R. C.

DR 8/99 ARTº 12º Nº 1A ISSN 1646-1886

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.

## agosto

D	S	T	Q	Q	S	S
29	<u>30</u>	<u>31</u>	<u>1</u>	<u>2</u>	<u>3</u>	<u>4</u>
<b>5</b>	<b>[6]</b>	<b>7</b>	<b>8</b>	<b>9</b>	<b>10</b>	<b>11</b>
<b>12</b>	<b>13</b>	<b>14</b>	<b>15</b>	<b>16</b>	<b>17</b>	<b>18</b>
<b>19</b>	<b>20</b>	<b>21</b>	<b>22</b>	<b>23</b>	<b>24</b>	<b>25</b>
<b>[26]</b>	<b>[27]</b>	<b>28</b>	<b>29</b>	<b>30</b>	<b>31</b>	<b>1</b>

### DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

**3-13** IMPACTO

**9-19** ACAMPAMENTO DE FAMÍLIAS

**15-26** PROJETO ALIANÇA

**19-29** ACAMPAMENTO NACIONAL DE COMPANHEIROS E SENIORES

**25** DIA DO EVANGELISMO LEIGO E DIA DA SENSIBILIZAÇÃO CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

### COMUNIDADE DE ORAÇÃO

6-10 UNIVERSIDADE ADVENTISTA DE FRIEDENSAU (EUD)

13-17 PUBLICADORA SERVIR (PU)

20-24 ASSOCIAÇÃO DA MORÁVIA-SILÉSIA (CSU)

27-31 UNIÃO ESPANHOLA (SPU)

**[FH]** FÉ DOS HOMENS

**[6]** SEGUNDA-FEIRA

**[27]** SEGUNDA-FEIRA

**[C]** CAMINHOS

**[26]** DOMINGO

## setembro

D	S	T	Q	Q	S	S
26	<u>27</u>	<u>28</u>	<u>29</u>	<u>30</u>	<u>31</u>	<b>1</b>
<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>8</b>
<b>9</b>	<b>10</b>	<b>11</b>	<b>12</b>	<b>13</b>	<b>14</b>	<b>15</b>
<b>16</b>	<b>[17]</b>	<b>18</b>	<b>19</b>	<b>20</b>	<b>21</b>	<b>22</b>
<b>23</b>	<b>24</b>	<b>25</b>	<b>26</b>	<b>27</b>	<b>28</b>	<b>29</b>
<b>30</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>

### DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

**8 E 9** CONVENÇÃO DE COLPORTORES

**15** DIA DOS DESBRAVADORES

**15 E 16** FORMAÇÃO PARA O DISCIPULADO

**21-23** ENCONTRO DOS MINISTÉRIOS DA CRIANÇA E DA MULHER

**22** DIA DOS AMIGOS DA ESCOLA SABATINA

**29** JORNADAS JA

### COMUNIDADE DE ORAÇÃO

3-7 CENTRO MULTIMÉDIA STIMME DER HOFFNUNG (EUD)

10-14 ASSOCIAÇÃO DA BOÉMIA (CSU)

17-21 ASSOCIAÇÃO DA TRANSILVÂNIA DO NORTE (RU)

24-28 SEMINÁRIO TEOLÓGICO DE SAGUNTO (SPU)

**[FH]** FÉ DOS HOMENS

**[17]** SEGUNDA-FEIRA

**[FH]** RTP2 ENTRE AS 15:00 E AS 15:30 | **ANTENA 1** A PARTIR DAS 22:47

**[C]** RTP2 ENTRE AS 10:00 E AS 10:30 | **ANTENA 1** A PARTIR DAS 06:00

ESTES HORÁRIOS DE EMISSÃO PODEM SER ALTERADOS PELA RTP2 SEM AVISO PRÉVIO.

# Índice

## 04

EDITORIAL

Meu Deus e Eu  
Andamos Juntos

## 05

PÁGINA DO LEITOR

## 40

TESTEMUNHO

Como me tornei  
Adventista?

## 42

ESPAÇO JUVENIL

Jesus, o Amigo  
das crianças

## 44

Notícias nacionais  
e internacionais



# 3+discípulo

Descobrir \* Desenvolver \* Dar

DESCOBRIR

## 06

**Companheiros de jornada**

*Sejamos companheiros de Deus.*

## 12

**Ousar ser como Jonas?**

*Uma perspectiva diferente.*

DESENVOLVER

## 18

**Porque Tu o dizes**

*A obediência pode ser  
o primeiro milagre.*

## 24

**Fé e família**

*"A minha mãe amava Deus  
e amava a sua Igreja."*

## 29

**Quem acreditou?**

*Algo que deve ter partido  
o coração de Jesus.*

DAR

## 32

**Dar testemunho da fé**

*Jesus está à sua espera!*

## 35

**Um padrão digno  
de ser seguido**

*Uma estratégia missionária.*



EDITORIAL

Pr. António Amorim

Presidente da UPASD

# Meu Deus e Eu Andamos Juntos

“Meu Deus e eu andamos pelos prados, quais bons amigos, juntos a passear; Dadas as mãos, alegres conversamos, sem nada, nada a nos atrapalhar.” Estes são os primeiros versos do hino 417 do Hinário Adventista. Deus, apesar de ser Espírito (João 4:24), e de, portanto, estar numa dimensão distinta das dimensões materialistas humanas, é um Ser comunicativo, que chama a uma comunhão (I Coríntios 1:9). O ser humano, criado à imagem e à semelhança de Deus, é essencialmente comunicativo, tendo sede de companheirismo. Ao nível humano, este companheirismo reflete-se nos relacionamentos familiares, de amizade, de fraternidade e de solidariedade. Na sua natureza de “imagem e semelhança” de Deus, há espaço essencial para o companheirismo espiritual com Deus. Caminhar juntos como bons amigos – é este o privilégio que Deus nos dá. Esta não é uma amizade banal, vulgar, mas uma amizade de honra e de adoração. O companheirismo com Deus, o Todo-Poderoso, o Soberano do Universo.

Jesus, Ele mesmo, afirmou que, apesar de ser o nosso Senhor, não nos trata como servos, mas trata-nos como amigos (João 15:15). Na Bíblia, Abraão foi chamado “Amigo de Deus” (Isaías 41:8; Tiago 2:23). Homens como Noé (Gênesis 6:2) e Enoque an-

davam com Deus (Gênesis 5:22, 24). O grande pregador Charles Spurgeon reforçou a qualidade do companheirismo de Enoque com Deus que o levou a permanecer eternamente com Ele: “Não conheço uma comunhão mais livre, agradável e cordial do que aquela resultante de andar sempre com um amigo. Se eu quisesse saber qual pessoa seria mais íntima de outra, certamente seria aquela com quem ela andasse todos os dias... está implícito no termo ‘andava’ que a comunhão de Enoque com Deus era contínua. Enoque não deu umas voltinhas com Deus e depois deixou a Sua companhia; ele andou com Deus durante centenas de anos!” (Sermão nº 1307 de 30 de julho de 1876, no Tabernáculo Metropolitano, Newington – Londres.)

O hino atrás mencionado termina com palavras de esperança de um companheirismo com Deus eterno e palpável: “Meu Deus e eu, eternamente juntos, quais bons amigos, vamos sempre andar; Ainda que o Céu e a própria Terra passem, nada de Deus me pode separar.”

Descubra este Deus Soberano e Amigo. Desenvolva um relacionamento de amizade com Deus, real, autêntico e coerente. Caminhe com Deus até se encontrar com Ele para toda a Eternidade!



PAULO LIMA

*Editor da "Revista Adventista"*

## ***Palavra de Esperança***

***Quais são os textos bíblicos  
que mais o inspiram?***

***Que palavras sagradas lhe  
transmitem esperança, força,  
ânimo e confiança em Deus?***

***Partilhe-os connosco,  
para os podermos partilhar  
com a Igreja!***

***Esta página é sua, para que possa partilhar as suas observações. Escreva uma mensagem (com o máximo de 100 palavras) e dê-nos a sua opinião sobre os artigos publicados e sobre a sua Revista Adventista.***

# COMPANHEIROS DE JORNADA



Paulo Cordeiro  
Pastor

## INTRODUÇÃO

Tive uma infância relativamente feliz. Mas, se a comparasse com a de tantos milhares ou, mesmo, milhões de outras crianças, então ficaria com um enorme peso na consciência, se não dissesse que vivi essa infância como um príncipe. Entre as muitas experiências felizes que vivi na minha infância, uma foi a de ter acompanhado a minha mãe enquanto esta se dedicou, temporariamente, à Colportagem, vendendo livros porta a porta na minha cidade natal, Lourenço Marques (desde 1975, chamada Maputo). Recordo-me muito bem de qua-

---

*Ninguém se salvará, se não tiver tido, nesta vida, um companheirismo real com o Deus Altíssimo!*



se todos os livros que ela vendia, mas houve um cujo título e cuja capa mais me ficaram gravados na memória. O título desse livro era *Companheiros de Jornada*, e apresentava na capa uma gravura com um casal a caminhar ao longo de um caminho, de mãos dadas. Certamente já perceberam que esse livro (um exemplar do qual, autografado por ela, me foi oferecido pela minha mãe) abordava a temática do namoro, do casamento e dos vários aspetos do relacionamento conjugal.

### O RELACIONAMENTO COM DEUS

Tal título nunca mais saiu da minha mente. E creio que esse título, embora aplicado ao relacionamento conjugal entre um homem e uma mulher, não deixa de ser excelente para designar o relacionamento entre cada um de nós e o nosso Deus.

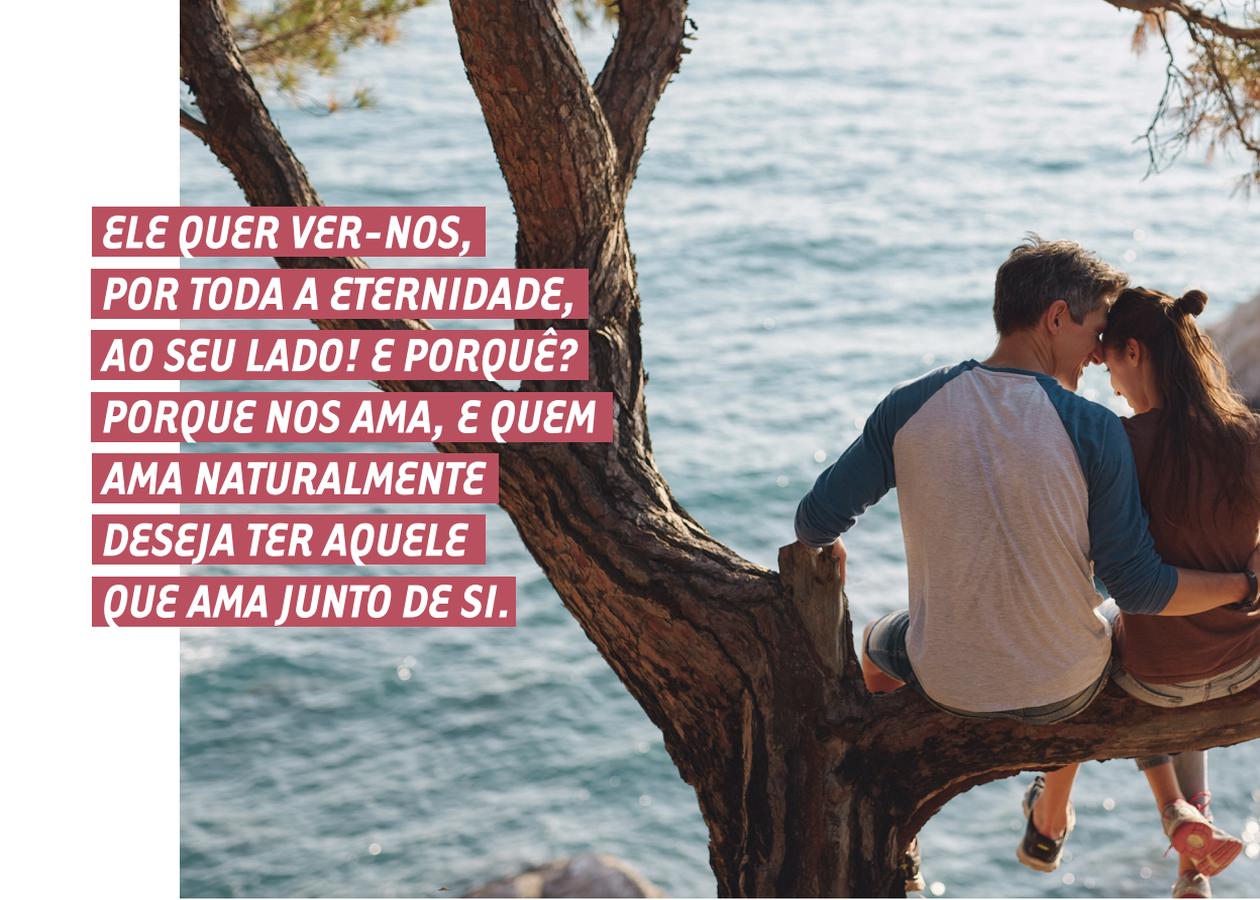
Que nenhum de vós duvide de um facto fundamental: ninguém se salvará, se não tiver tido, nesta vida, um relacionamento, um companheirismo *real*, com o Deus Altíssimo, Criador dos Céus e da Terra, o único “Rei dos reis e Senhor dos senhores” (Apocalipse 19:16). Foi exatamente por esta razão que Jesus Cristo, enquanto esteve nesta Terra, afirmou claramente que “[a possibilidade de ter] a vida eterna é esta: *que te conheçam a ti*, o Único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (João 17:3). Como é possível *conhecer* alguém, sem ter com essa pessoa um *relacionamento*, um *companheirismo íntimo*? É simplesmente impossível!

E a pergunta que pode, muito naturalmente, surgir na mente de al-

*Mas, como posso eu ter um companheirismo com Deus, que nunca vi, nem vejo? Pois bem, a resposta é uma só: pela fé!*

guns é esta: Mas, *como* posso eu ter um companheirismo com Deus, que nunca vi, nem vejo? Pois bem, a resposta é uma só: *pela fé!* Não diz a Bíblia que “sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus *creia que ele existe* e que se torna galardoador dos que o buscam” (Hebreus 11:6)? E não disse igualmente o apóstolo Paulo que “tudo o que não provém de fé é pecado” (Romanos 14:23)? Mas – perguntarão ainda alguns – como poderei adquirir essa fé, pela qual me posso relacionar com Deus? A resposta é simples: a Palavra de Deus diz-nos que “Jesus” é “o Autor e Consumador da fé” (Hebreus 12:2). Por outras palavras, ninguém pode ter fé, se Jesus, que é o Autor ou Originador dessa fé, não no-la conceder. Chegados a este ponto, alguns poderão sentir-se presos num dilema “circular”: Para eu me relacionar com Deus, preciso de fé, mas, para ter essa fé, preciso de me relacionar com Deus! Então, o que deve vir primeiro? A fé ou o relacionamento com Deus?

Podemos, facilmente, sair desse (aparente) dilema, se soubermos que “nós amamos porque ele nos amou primeiro” (I João 4:19). Jesus veio a este mundo com uma *missão bem específica*: “Buscar e salvar o perdido” (Lucas 19:10). Quando Eva, e depois Adão,



**ELE QUER VER-NOS,  
POR TODA A ETERNIDADE,  
AO SEU LADO! E PORQUÊ?  
PORQUE NOS AMA, E QUEM  
AMA NATURALMENTE  
DESEJA TER AQUELE  
QUE AMA JUNTO DE SI.**

os nossos primeiros pais, pecaram, quem é que foi à procura de quem? Pois bem, não foi o Homem que foi à procura de Deus, mas sim Deus que veio à procura do Homem, fazendo a pergunta: “onde estás?” (Génesis 3:9.) Assim sendo, a sequência é a seguinte: uma vez que “Deus não faz aceção de pessoas” (Atos 10:34), porque Ele não quer “que nenhum [ser humano] pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento” (II Pedro 3:9), então *Ele toma a iniciativa* de nos procurar ou buscar. Por várias formas, de diferentes maneiras, o Espírito Santo (que trabalha segundo a orientação de Cristo e do Pai – ver João 14:16, 26; 15:26; 16:7, 13) vem até nós e implanta em nós uma certa medida de fé. Na posse dessa fé, há uma *decisão* que

temos de tomar ou de assumir: *Aceitamos* ou *não aceitamos* fazer uso dessa fé que nos é dada como um “saldo inicial”? Se *sim*, então o relacionamento com Deus, pela fé, inicia-se, e uma coisa alimentará a outra – a fé alimentará o nosso relacionamento com Deus e este, por sua vez, fará aumentar a nossa fé, e assim sucessivamente; se *não*, então acabaremos por perder essa fé inicial que recebemos como uma graça divina, sendo que a *culpa* é única e exclusivamente *nossa!*

Se tivermos feito a *opção correta*, então, Deus lança-nos o *mesmo* repto que lançou, outrora, a Abraão: “*Anda na minha presença* e sê perfeito” (Génesis 17:1). Noé, um grande homem de Deus, que viveu uns séculos antes de Abraão, apesar de ter vivido numa



“terra [que] estava corrompida à vista de Deus e cheia de violência” (Gênesis 6:11), “era um homem justo e íntegro entre os seus contemporâneos”. Como conseguiu ele tal “proeza”? O segredo é-nos revelado nesta simples frase: “Noé andava com Deus” (Gênesis 6:9).

E por que razão quererá Deus que nós andemos com Ele ou na Sua presença? Por uma razão muito simples: é que Ele quer fazer em nós algo que só pode ser conseguido através desse relacionamento com Ele! E o que é que Ele, especificamente, quer? “Pois esta é a vontade de Deus: a vossa santificação” (I Tessalonicenses 4:3). E porque quer Deus a nossa santificação? Porque sem “a santificação... ninguém verá o Senhor” (Hebreus 12:14). Ou seja, “a vontade de Deus” para nós

é que nos santifiquemos, *porque* Ele quer ver-nos, por toda a eternidade, ao Seu lado! E porquê? Porque nos ama, e quem ama naturalmente deseja ter aquele que ama *junto de si*.

Nunca perca de vista, no entanto, que o nosso relacionamento com Deus, pela fé, não é um fim em si mesmo, mas um meio – o único meio – pelo qual podemos ser santificados: “Anda na minha presença, e *sê perfeito*” (Gênesis 17:1).

E o que é essa “*perfeição*” ou “*santificação*” senão o processo pelo qual nos tornamos, progressivamente, cada vez mais *obedientes a Deus*? Não disse Jesus: “Se me amais, guardareis os meus mandamentos” (João 14:15)? Não disse Jesus ao jovem rico, que pretendia “alcançar a vida eterna”: “Se queres, porém, entrar na vida [eterna], guarda os mandamentos” (Mateus 19:16 e 17)?

## A JORNADA

É igualmente imprescindível que compreendamos que, para sermos *companheiros de jornada* com Deus, o início dessa jornada é muito, muito doloroso. Assim como é, muitas vezes, a continuação dessa jornada. Não disse Jesus a Nicodemos que, “se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus” (João 3:3), ou seja, herdar “a promessa que ele mesmo nos fez, a vida eterna” (I João 2:25)? Já alguma vez ouviu falar de um nascimento... sem dor? Normalmente pensamos no sofrimento por que a mãe parturiente passa (Gênesis 3:16), sofrimento esse que pode conduzir, inclusivamente, à sua morte (como ocorreu com Raquel, a mulher amada de Jacob – Gênesis 35:16-

18 e 29:20, 30), mas alguma vez lhe ocorreu pensar que o nascimento é um processo muito doloroso... para a própria criança que nasce? Felizmente nenhum de nós se lembra desse momento! Ora, o nascimento espiritual não é menos doloroso do que o nascimento físico! Sabe porquê? Porque Jesus, que nunca nos mentiu, nem mente (porque Ele é a própria encarnação da Verdade – João 14:6), disse isto: “Se alguém quer vir após mim, *a si mesmo se negue*, dia-a-dia tome a sua cruz e siga-me” (Lucas 9:23). Essa negação de si mesmo é a coisa mais difícil pela qual qualquer ser humano tem, obrigatoriamente, que passar, se quiser ser discípulo de Jesus Cristo, e, conseqüentemente, herdar a vida eterna. O jovem rico, atrás mencionado, não suportou sequer essa prova inicial e, por isso, “retirou-se triste” (Mateus 19:22) da presença de Jesus, rumo à perdição eterna! Mas, não é só o início dessa jornada com Deus que é muito doloroso, pois requer a negação de si mesmo, mas igualmente a experiência do crente no seu “dia-a-dia”! Quão frequentemente achamos que o que é doloroso é colocar a nossa vida em harmonia com a vontade de Deus, revelada plenamente na Sua santa Lei; mas a ênfase bíblica está, antes, na nossa caminhada com Deus: “*Anda na minha presença e [como consequência dessa caminhada de fé] sé perfeito*” (Gênesis 17:1).

Seremos *companheiros de jornada* com Deus, se nos relacionarmos mutuamente. Como? Falando com Ele através da oração e permitindo que Ele



fale connosco, através da Sua Palavra, a Bíblia Sagrada. Mas, não se esqueça de um outro ponto fundamental:

– “Chegar-se para ouvir é melhor do que oferecer sacrifícios de tolos, pois não sabem que fazem mal” (Eclesiastes 5:1). E o que são estes “sacrifícios de tolos”? “Não te precipites com a tua boca, nem o teu coração se apresse a pronunciar palavra alguma diante de Deus; porque Deus está nos céus, e tu, na terra; portanto, sejam poucas as tuas palavras. Porque, como na multidão dos sonhos há vaidade, assim também, nas muitas palavras; tu, porém, teme a Deus” (Eclesiastes 5:2, 7).

– “Sabeis estas coisas, meus amados irmãos. Todo o homem, pois, seja



pronto para ouvir, tardio para falar, tardio para se irar” (Tiago 1:19).

– “E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios; porque presumem [mal] que pelo seu muito falar serão ouvidos. Não vos assemelheis, pois, a eles; porque Deus, o vosso Pai, sabe do que tendes necessidade, antes que lho peçaís” (Mateus 6:7 e 8).

Por conseguinte, devemos estar muito mais empenhados em *ouvir* Deus – através da Sua Palavra – do que em “muito falar” com Ele. E isso exige a tal “negação” de nós mesmos, “dia-a-dia”! Porque oramos? Para fazermos com que Deus faça a nossa vontade ou, antes, para estarmos melhor capacitados e habilitados a fazer a Sua vontade?

## CONCLUSÃO

Sejamos *companheiros de jornada* com Deus, e, assim, podemos ficar com a firme certeza – a mesma que o apóstolo Paulo possuía – de que “aquele que começou boa obra em [nós], há de completá-la até ao dia de Cristo Jesus” (Filipenses 1:6), de que a santificação do nosso “espírito, alma e corpo” será feita por Aquele que nos chama (I Tessalonicenses 5:23 e 24), e de que “o Deus da paz ... [nos aperfeiçoa] em todo o bem, para [cumprirmos] a sua vontade, operando em [nós] o que é agradável diante dele, por Jesus Cristo, a quem seja a glória para todo o sempre. Amém” (Hebreus 13:20 e 21).

# OUSAR SER COMO JONAS?



Stephen Reasor

Capelão

Retirado da revista Ministry  
de outubro de 2012.

## *Será que ousamos ler a história de Jonas como algo mais do que apenas um conto que nos acautela contra desobedecer a Deus?*

Durante mais de 3000 anos, Jonas tem sido visto como um desobediente servo de Deus. E mesmo quando ele obedeceu, mostrou-se carrancudo, mal-humorado e amargo até ao ponto de desejar a morte. Sempre me incomodou o facto de, entre todos os profetas, Jesus ter escolhido comparar o Seu ministério com o de Jonas. “E, ajuntando-se a multidão, começou a dizer: Maligna é esta geração; ela pede um sinal; e não lhe será dado outro sinal, senão o do profeta Jonas; porquanto, assim como Jonas foi sinal para os ninivitas, assim o Filho do homem o será também, para esta geração” (Lucas 11:29 e 30). Jesus podia

ter escolhido qualquer outro profeta. Porque escolheu Jonas?

Quando a Palavra do Senhor veio até Jonas, ordenando-lhe que fosse até Nínive, ele levantou-se, saiu abruptamente da sua casa, percorreu a sua rua até ao fim, correu para longe da sua cidade, desceu até Jope, no território filisteu, e embarcou num navio que se dirigia para a Península Ibérica.

Por vezes, eu também sou assim. Frequentemente sei o que devo fazer, mas não o faço. Eu sei que devo perdoar, eu sei que devo oferecer a minha graça; eu sei que deveria falar quando alguém está errado ou está a ser prejudicado. Eu sou um Pastor, eu tenho de falar. Mas é a última coisa que eu quero fazer. Por vezes, procuro o navio mais próximo que vai partir para Tár-sis. Porquê? Talvez eu queira fugir pela mesma razão por que Jonas fugiu. Isto traz-nos ao ponto crucial desta história: Porque fugiu Jonas?

### **MEDO**

Se eu fosse Jonas, teria fugido para Tár-sis por medo de pôr em risco a minha segurança pessoal. O medo é



frequentemente a razão que me leva a fugir. Ao considerar os atores desta história, não censuro Jonas por ter tido medo.

Nós sabemos muito acerca do que o povo de Nínive fazia aos seus inimigos. Eles mutilavam os seus presos de guerra; violentavam os mais vulneráveis – as crianças, os idosos, as grávidas e as mães que amamentavam; chacinavam os príncipes inimigos; conduziam as suas carruagens por cima de estradas pavimentadas com pessoas; criavam florestas de patíbulos ao redor de uma cidade conquistada; e faziam em pedaços os soldados inimigos. Sabemos o que eles faziam aos seus inimigos, porque eles gabavam-se disso, e até produziam altos-relevos que retratavam cada ato macabro, sendo que esses altos-relevos chegaram aos nossos dias.<sup>1</sup>

A misericórdia não era uma virtude em Nínive. Pode imaginar-se a caminhar nessa cidade e a dizer: “O meu Deus, um Deus estrangeiro, decidiu destruir-vos e destruir a vossa cidade”? Pode conceber todas as formas desagradáveis que usariam para o

matar, se dissesse isso? Tenho a certeza de que Jonas podia concebê-lo. Eu teria tido medo. E quando nós temos medo, fugimos.

Mas não percebemos os motivos de Jonas, se dissermos que ele fugiu por ter medo – embora ele tivesse todo o direito de ter medo. De facto, há uma coragem em Jonas que eu invejo. Veja-o na coberta daquele navio, enquanto os marinheiros gritam: “O que fizemos nós para que isto nos acontecesse?” Veja a resolução nos olhos de Jonas ao responder: “Eu fugi do Deus do Céu. Se querem viver, peguem em mim e lancem-me ao mar.” Ele ofereceu a sua vida para salvar a deles. Ele era corajoso em face da morte.

Não. Jonas não fugiu para salvar a pele. Eu compreendê-lo-ia, se ele tivesse fugido por medo, mas foi um Jonas corajoso que enfrentou aquela tempestade. Assim sendo, porque fugiu ele?

## ÓDIO

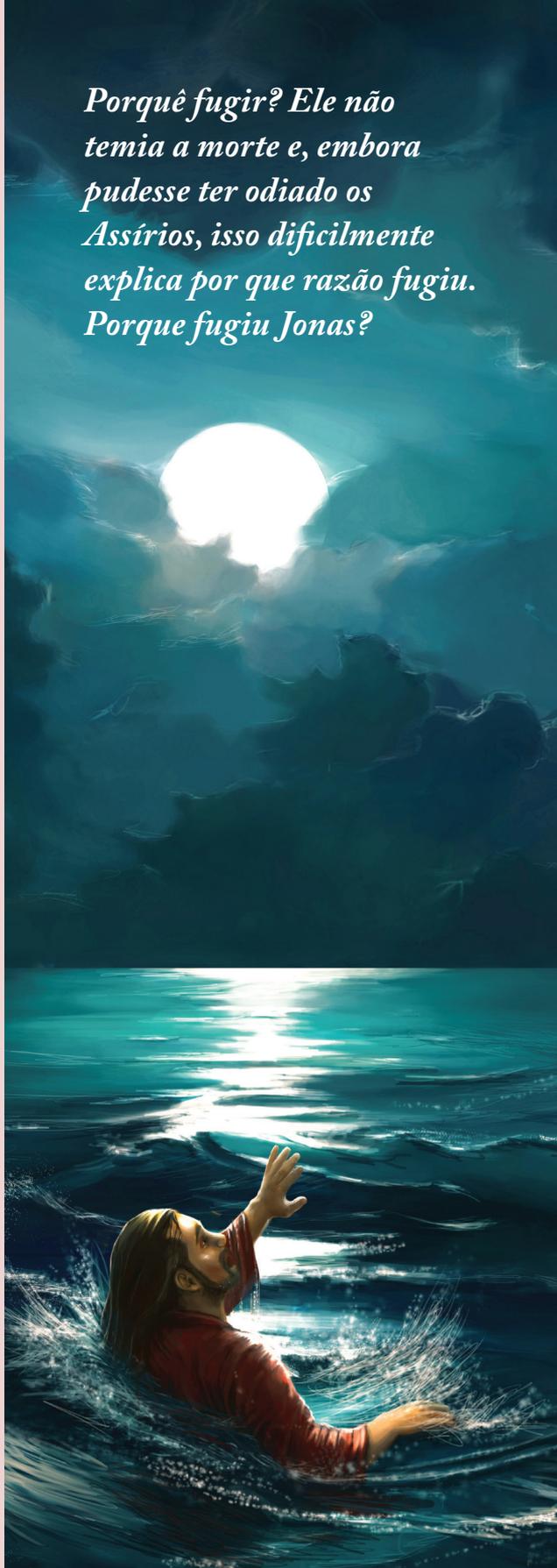
Leia nas entrelinhas do capítulo 4 de Jonas. Ele odiava os Assírios. Não era o caso de ele não gostar deles ou sentir-se incomodado por eles. Ele odiava-os.

Jonas conhecia suficientemente Deus para saber que os Assírios poderiam não ser destruídos, caso ele lhes pregasse a mensagem de Deus. E, de facto, Deus viu o arrependimento deles e deixou de lhes aplicar a prometida punição. “Mas desgostou-se Jonas extremamente disso, e ficou todo ressentido” (Jonas 4:1). Parece-me que temos realmente que odiar muito alguém, se ficamos ressentidos por essa pessoa escapar com vida.

Se eu estivesse a pregar esta história, provavelmente citaria o versículo 9: “Então disse Deus a Jonas: É, acaso, razoável que assim te enfades?... E ele disse: É justo que me enfade, a ponto de desejar a morte.” E eu faria ainda notar como Jonas era realmente mesquinho. Jonas não iria ter o que queria, porque Deus concede misericórdia, mesmo quando os Seus profetas não o fazem. Penso nas palavras de Anne Lamott: “Podes ter toda a certeza de que criaste Deus à tua imagem, quando chegares à conclusão de que Deus odeia as mesmas pessoas que tu.”<sup>2</sup> E eu concluiria que Deus ama mesmo os Ninivitas. Por isso, dir-lhe-ei para não ser como Jonas, ou poderão acontecer-lhe coisas más.

Sim, confesso que ainda estou confuso. Sim, os Assírios tinham conquistado uma boa parte do território de Israel e tinham, provavelmente, feito coisas horríveis aos Israelitas. Este não tinha sido o primeiro encontro de Jonas com os Assírios. Ele tinha profetizado perante Jeroboão, filho de Jeoás, que ele derrotaria a Assíria e recuperaria o território norte de Israel (II Reis 14:25-28). E Israel realmente derrotou-os em

*Porquê fugir? Ele não temia a morte e, embora pudesse ter odiado os Assírios, isso dificilmente explica por que razão fugiu. Porque fugiu Jonas?*



batalha e expulsou-os das terras israelitas. Eu compreenderia, se Jonas odiasse os Assírios enquanto estes tinham ocupado Israel, mas os Assírios tinham perdido – ele tinha ganhado. A vitória deveria dissipar a cólera.

Mas, pode responder-me, ele odiava-os, porque eles eram estrangeiros; e, como todos nós sabemos, os Israelitas podiam ser um pouco xenófobos. Porém, quando se é xenófobo, é-se sempre xenófobo. Ora, Jonas não odiou os Filisteus em Jope ou os marinheiros estrangeiros do barco que rumava para Târsis (ele ofereceu a sua vida em troca da deles) ou, mesmo, as pessoas de Târsis. Se ele odiasse os estrangeiros, teria ficado em Israel. De facto, as palavras “odiar” e “ódio” não aparecem no livro de Jonas.

Por que razão fugiu Jonas? Porque não se escondeu na sua casa e se amarrou à cama, para que Deus não pudesse forçá-lo a ir? Porquê fugir? Ele não temia a morte e, embora pudesse ter odiado os Assírios, isso dificilmente explica por que razão fugiu. Porque fugiu Jonas?

### **QUANDO TUDO O RESTO FALHA, TEMOS A POESIA**

A resposta a esta pergunta conduz-nos mais profundamente na análise dos motivos de Jonas e, talvez, também dos nossos motivos; motivos que são revelados num ponto surpreendente do livro de Jonas.

Eu gosto do livro de Jonas. Não é um livro longo e tem um excelente enredo. É como uma história de ação. Jonas foge de Deus; Deus envia uma tempestade violenta; os marinheiros

lançam Jonas ao mar para pararem a tempestade; um grande peixe engole Jonas. Mas devo confessar que, quando leio o livro de Jonas, por vezes passo por cima do capítulo 2. Há um capítulo inteiro de poesia. O que está a fazer ali? Trata-se da oração de Jonas: “Porque tu me lançaste no profundo, no coração dos mares, e a corrente me cercou; todas as tuas ondas e as tuas vagas têm passado por cima de mim. [...] As águas me cercaram até à alma, o abismo me rodeou, e as algas se enrolaram na minha cabeça. Eu descí até aos fundamentos dos montes” (Jonas 2:3, 5 e 6).

É bastante poético, mas é difícil de crer que Jonas estava a fazer poesia no interior do peixe. Porque faz isto parte da história? Mas tudo acaba bem.

“Quando desfalecia em mim a minha alma, eu me lembrei do Senhor; e entrou a ti a minha oração, no templo da tua santidade” (Jonas 2:7).

Muito bem. É bonito! Vale a pena citar! Deus conseguiu finalmente chegar a Jonas; este estava pronto a desistir.

“Os que observam as vaidades vãs deixam a sua própria misericórdia. Mas eu te oferecerei sacrifício, com a voz de agradecimento; o que votei pagarei: do Senhor vem a salvação” (Jonas 2:8 e 9).

No versículo 9 quase se pode ouvir a voz de Jonas a ecoar pelo mar. Fico tão impressionado pela beleza dos versículos 7 e 9, mas acho o versículo 8 tão estranho e vago, que, mesmo quando leio o capítulo 2, passo por cima do versículo 8 – e deixo totalmente de perceber os motivos de Jonas.

Jonas não estava encolerizado por Deus ser misericordioso. Ele sabia que a misericórdia de Deus dá frequente-

mente azo a violência, a sofrimento e a mal renovados. Jonas sabia o que aconteceria, se Nínive sobrevivesse – mesmo se os seus habitantes se arrependessem, eles iriam esquecer-se da misericórdia que lhes era estendida e voltariam a atacar Israel.

Oseias já tinha dito a Israel que os Assírios o levariam para o exílio (veja Ose. 9:3). E foi exatamente isso que aconteceu em 722 a.C., precisamente como Jonas sabia que iria suceder.<sup>3</sup>

Jonas amava Israel. Ele queria que o povo de Nínive fosse destruído, não por causa do que tinha feito, mas por causa do que iria fazer. Ele ficou enraivecido contra a misericórdia de Deus por causa daquilo que ela iria permitir que acontecesse. Sim, ele fugiu não só para não ter de pregar, mas também para proteger Israel. Ele sabia que Deus era misericordioso, mas também sabia o que Deus podia fazer a um profeta desobediente. Assim, em vez de pôr em risco os seus amigos e a sua família, ele pôs em risco a vida dos marinheiros estrangeiros a caminho de Târsis. Jonas não foi surpreendido pela tempestade. Penso que ele estava à espera dela. Ele amava Israel de mais para permitir que a tempestade caísse sobre a sua nação.

E quando Deus poupou Nínive, Jonas ficou encolerizado, animado de forte indignação: a fúria desesperada de um médico que tenta salvar uma nação de uma doença incurável; o ultraje do atacado quando o seu atacante fica em liberdade; a raiva impotente que um pai sente junto da cama do seu filho na ala de oncologia de um hospital. “Deus, Tu podes impedir isto. Porque não impedes isto?”

Jonas amava.<sup>4</sup> E aqueles que ele amava estavam em risco devido à misericórdia de Deus. Compreendo esta motivação. Eu também ficaria encolerizado. Mas ele obedeceu. Não admira, pois, que Jesus tenha dito aos Judeus para esperarem o sinal de Jonas.

No ventre de um peixe, nas profundezas do mar, enquanto encarava a destruição do seu povo, Jonas virou-se para Deus. Embora soubesse o que custaria, Jonas, ainda assim, disse: “Pagarei o voto que fiz.” Um versículo breve e frequentemente ignorado muda toda a situação. Ele muda tudo!

## O SINAL DE JONAS

Outro profeta foi rodeado por uma tempestade; não uma tempestade natural, mas uma tempestade de demónios; encharcado não por água do mar, mas pelo Seu próprio suor, sangue e lágrimas.

Jesus teve muito em comum com Jonas:<sup>5</sup> Três dias de trevas, as experiências sufocantes do Getsémani e do Gólgota, e um voto confirmado. Na cruz, Jesus gritou: “Eli, eli, lama sabactâni?” (Mat. 27:46.) Ele estava a citar a suprema imagem poética da crucificação registada no Salmo 22.

“Deus meu, Deus meu, porque me desamparaste? ... Todos os que me veem zombam de mim, estendem os beiços e meneiam a cabeça, dizendo: confiou no Senhor, que o livre, livre-o, pois nele tem prazer. ... Como água me derramei, e todos os meus ossos se desconjuntaram; o meu coração é como cera, derreteu-se no meio das minhas entranhas. ... Pois me rodearam cães: o ajuntamento de malfei-

tores me cercou, traspassaram-me as mãos e os pés. Poderia contar todos os meus ossos: eles veem e me contemplam. Repartem entre si os meus vestidos, e lançam sortes sobre a minha túnica” (Sal. 22:1, 7 e 8, 14, 16-18).

Isto não é um hino de desencorajamento, mas uma afirmação de fé e de missão. O Salmista continua: “O meu louvor virá de ti na grande congregação” (Sal. 22:25a).

E, como Jonas, na mais profunda dor e escuridão, Jesus manteve o rumo. “Pagarei os meus votos perante os que o temem” (Sal. 22:25b). Jesus pagou aquilo que tinha votado, embora Ele também soubesse que a misericórdia de Deus pode resultar em violência, sofrimento e mal renovados.

## ENTRANDO NO MISTÉRIO

Todas as vezes que abuso da graça de Deus, todas as vezes que Ele me perdoa e eu volto a cair no pecado, Ele já o sabia. Ele sabia que me esqueceria da misericórdia que Ele me estendeu. Cada vez que quebro o meu voto de proclamar o Evangelho, Ele mostra ser o Deus que me indica o que é o amor e que me desafia a amar como Ele. Jonas calculou o preço a pagar e foi a Nínive. Jesus calculou o preço a pagar e foi para a cruz. Então, o que temo perder? Mas, se eu for, se eu falar, o véu será retirado, e, como Jonas, terei um vislumbre do próprio mistério de Deus ao “anunciar entre os gentios, por meio do evangelho, as riquezas incompreensíveis de Cristo” (Efésios 3:8).



<sup>1</sup> Veja Erika Bleibtreu, “Grisly Assyrian Record of Torture and Death”, *Biblical Archaeology Review* 17, nº 1, January/February 1991, pp. 52-61.

<sup>2</sup> Anne Lamott, *Bird by Bird* (New York; Anchor Books, 2005), p. 22. Citado em Susan Blau e Kathryn Burak, *Writing in the Works* (Boston: Wadsworth Publishing, 2010), p. 16.

<sup>3</sup> Veja Ephraim Stern, “Israel at the Close of the Period of the Monarchy:

An Archaeological Survey”, *Biblical Archaeologist* 38, nº 2 (1975), pp. 26-54.

<sup>4</sup> Isto não significa que Jonas tinha razão. Ele tinha, ainda assim, uma visão estreita do amor e da justiça de Deus. O livro termina com Deus a recordar Jonas de que todos os seres humanos, e até mesmo os animais, são preciosos aos Seus olhos. Embora não saibamos quem escreveu o livro de Jonas, é razoável supor que foi o próprio Jonas que relatou os

detalhes da sua história. Isto sugere que, provavelmente, ele aprendeu a lição. De outro modo, porque a teria narrado por escrito? A tese central do livro não é a cólera de Jonas, mas a misericórdia de Deus.

<sup>5</sup> Embora, ao contrário de Jonas, Jesus não reagiu amargamente no tocante ao Seu sacrifício.



*A obediência pode ser o primeiro milagre.*

# PORQUE TU O DIZES



**Homer Trecartin**

*Diretor dos Centros da Missão Global  
Retirado da Adventist Review  
de maio de 2017*

Eu tinha provavelmente sete ou oito anos naquela noite em que o meu pai telefonou para casa enquanto estava numa reunião, e disse que, certamente, não conseguiria chegar a tempo para ordenhar a Elma, a nossa vaca. Esta noite acabou por ser uma noite determinante para o resto das minhas infância e juventude.

## **ORDENHAR VACAS**

O meu irmão e eu tínhamos ajudado o nosso pai durante um ano ou dois na ordenha, mas nunca durante muito tempo. Nós ordenhávamos um pouco, e depois íamos brincar no feno ou perseguir os gatos ou enfiar as mãos no cereal guardado no celeiro, para aspirarmos o maravilhoso cheiro do trigo. Mas, nesta noite, a nossa mãe levou-me e levou o meu irmão para o estábulo e nós sentámo-nos e começámos a ordenhar a vaca.

Durante alguns minutos, tudo correu bem e nós sentimo-nos muito bem. A nossa mãe tinha começado

por tentar, mas não tinha sido bem-sucedida. Nós estávamos a fazer algo que a nossa mãe não conseguia fazer. Mas então as nossas mãos começaram a doer e quisemos desistir. Tente abrir e fechar o punho repetidamente – talvez umas 500 vezes – e rapidamente ficará a saber como estávamos a sentir-nos.

Ainda me recordo dessa longa noite: revezar-me a ordenhar e, depois, sentar-me junto da porta do estábulo a chorar por causa das minhas mãos doloridas. O nosso pai chegou depois de termos terminado e disse que estava orgulhoso de nós. Estava de tal modo orgulhoso que, de agora em diante, ordenhar a vaca de manhã e à noite iria fazer parte das nossas tarefas diárias durante todo o tempo em que morássemos naquela quinta.

### **ORDENHAR AS VACAS DA FACULDADE**

Ir para a Faculdade assegurou-me de que nunca mais voltaria a ordenhar vacas. Pelo menos, era o que eu pensava, até que o gerente financeiro da Faculdade me chamou ao seu escritório para me atribuir uma função: “Homer, vou enviar-te para a quinta da Faculdade, de modo a seres um dos responsáveis pela ordenha matutina.”

Todas as manhãs, eu levantava-me às 3:30h e dirigia-me ao estábulo, sempre a maldizer o trabalho de ordenha, duro e sujo, e ordenhava entre 50 a 100 vacas todos os dias. É verdade que tínhamos máquinas de ordenha; mas era, ainda assim, muito trabalho malcheiroso com vacas ingratas. Por vezes, uma delas batia-me na cara com a sua cauda encharcada ou da-

*Eu sabia ordenhar vacas e Pedro sabia pescar peixes. É por isso que ele deve ter-se sentido esquisito naquela manhã, no Lago de Genezaré, quando Jesus o instruiu, dizendo-lhe: “Faz-te ao mar alto, e lançaí as vossas redes para pescar” (Lucas 5:4).*

va-me um coice. Assim, quando me graduei, eu era uma espécie de autoridade em vacas.

### **PESCAR PEIXE**

Eu sabia ordenhar vacas e Pedro sabia pescar peixes. É por isso que ele deve ter-se sentido esquisito naquela manhã, no Lago de Genezaré, quando Jesus o instruiu – bem como aos seus companheiros –, dizendo-lhe: “Faz-te ao mar alto, e lançaí as vossas redes para pescar” (Lucas 5:4).

Pedro e os seus colegas já estavam exaustos. Eles tinham pescado a noite toda e nada tinham apanhado; tinham puxado as suas redes para a praia e estavam então a limpá-las; a longa noite de trabalho tinha-os deixado em baixo naquela manhã.

Para além disso, o comportamento recente de Jesus tinha-os deixado intrigados, perplexos e, talvez, até mesmo frustrados. Lucas 4:38-44 indica-nos que o trabalho estava precisamente a começar em Cafarnaum: havia muitos interessados na mensagem; havia muitas pessoas com quem

trabalhar. Porque iria Jesus partir agora? Isto não fazia sentido.

Por vezes, iniciar qualquer coisa pode parecer algo sem sentido, algo certamente pouco promissor. No Médio Oriente, os membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia estão localizados maioritariamente numa mão cheia de comunidades – uma faixa da cidade do Cairo; dois ou três pequenos grupos em Istambul; Sabtieh, no Líbano; alguns grupos nos países do Golfo, etc.. E, mesmo nestas localidades, a Igreja Adventista do Sétimo Dia é uma minoria tão pequena, com tanto trabalho para fazer, que se debate com a ideia de se expandir para novas áreas.

Na Jamaica, onde há um Adventista para nove pessoas, 89 por cento das pessoas ainda não aceitaram a mensagem final de Deus. Há tanto para ser feito, mesmo onde vivemos. Porque deveríamos sair daqui e ir para algum novo lugar?

Jesus, e, mais tarde, Paulo, focavam muito a sua atenção em áreas e em grupos de pessoas ainda não penetrados. Certamente não estou a dizer que devemos ignorar o local onde já estamos a trabalhar ou que devemos começar algo, pô-lo de lado, e avançar para algo diferente. Esse modo de operar pode gerar a sua quota-parte de maus resultados.

Mas é útil lembrarmos que, enquanto prosseguimos naquilo que já começámos, devemos continuar em busca de lugares onde possamos dar início a novas iniciativas. O sucesso atual ou o falhanço anterior não devem ser interpretados como prova de que não nos devemos expandir para novas áreas.

*Por mais que estivessem contrariados, o coração deles ainda ardia quando ouviam as palavras de Jesus.*

## **DEIXAR CAFARNAUM**

Talvez contrariados, os discípulos seguiram Jesus para fora de Cafarnaum. Ter ainda os seus barcos permitiu-lhes navegar para a sua nova localização. Jesus, como era Seu apanágio, provavelmente passou a noite a orar. Os discípulos, mantendo a sua profissão, passaram a noite a pescar.

Na manhã seguinte, as pessoas começaram a reunir-se, e Jesus começou a pregar, enquanto os discípulos se sentavam nas proximidades, para trabalharem nas suas redes. Por mais que estivessem contrariados, o coração deles ainda ardia quando ouviam as palavras de Jesus. Continuavam a chegar mais e mais pessoas, até que se tornou quase impossível para Jesus ser visto ou ouvido por todos. Assim, Ele entrou no barco de Pedro, e pediu-lhe que se afastasse um pouco da praia. A partir daquele púlpito, Ele pregou o resto do Seu sermão.

Aquilo que Ele disse foi poderoso. Pedro deve ter absorvido tudo enquanto permanecia de pé na água, para impedir o barco de se afastar da costa; ou enquanto estava sentado no barco, segurando uma vara presa nas rochas do fundo, de modo a mantê-lo imóvel. Fosse o que fosse que ele estivesse a fazer, estava com a sua mente focada em Jesus e nas Suas poderosas palavras.

**SE SE QUERIA APANHAR  
PEIXE NO MAR DA GALILEIA,  
ERA PRECISO ESTAR-SE  
NO MAR DURANTE O  
ENTARDECER; PESCAVA-SE  
DURANTE A NOITE.**



Então, Pedro percebeu que Jesus tinha acabado de pregar e falava com ele. “Pedro”, disse mansamente o Mestre, “vamos sair para o mar profundo e pescar um pouco”.

Este era o tipo de observações que lavradores ou mercadores desconhecedores podiam fazer – turistas junto ao mar durante um feriado; intrigados pela atividade de Pedro e dos seus companheiros, tão pitorescos nos seus barquinhos; querendo sentir as redes e ver o peixe; querendo mesmo dar uma volta nos barcos e pedindo a Pedro para “se afastar um pouco da costa e mostrar aos nossos miúdos como se pesca”.

Turistas ignorantes. Era como se alguém quisesse ensinar-me a ordenhar vacas. Se se queria apanhar peixe no mar da Galileia, não se passava a noite a dormir e, depois, saltava-se para o barco após um pequeno-almoço tardio e descansado. Era preciso estar-se no mar durante o entardecer; pescava-se durante a noite. Depois podia-se dormir um pouco durante o dia.

Mas, na verdade, o que sabem turistas sobre a pesca? Até mesmo os turistas carpinteiros que eram bons a pregar?

## VIVER UM MILAGRE

Agora, os turistas que tinham ouvido as palavras do pregador queriam ver o que iria Pedro fazer. E o próprio Pedro não sabia o que fazer. Será que devia embarçar este líder maravilhoso com uma explicação vinda de quem sabe o que diz? Aqueles que não eram turistas sabem bem que as pessoas não pescam durante o dia. Se Pedro se fizesse ao mar, poderia tornar-se no alvo da chacota de toda a sua comunidade.

Pedro esforça-se por ter tato, o que é muito pouco típico dele. Ele não diz a Jesus que Ele ignora o essencial. Ele diz-Lhe apenas que ele e os seus amigos já tentaram toda a noite; agora estão cansados; é tempo de parar e... o olhar nos olhos de Jesus detém-no. “Muito bem, Senhor. Porque Tu me pedes, fá-lo-ei.”

O milagre mais celebrado nesta história é a rede cheia de peixes. Mas há outro milagre: aquele que ocorreu imediatamente antes de Pedro ter obedientemente partido no barco para o mar; o milagre que fez Pedro pensar: “Senhor, o que Tu sugeres não faz sentido, Tu és um carpinteiro-pregador de Nazaré. Eu sou um pescador galileu. Mas, porque Tu o dizes, eu vou partir para o alto mar.”

Este foi o milagre de um coração tão afetado por Jesus que levou Pedro a pôr de lado tudo o que fazia sentido para ele – todas as tradições ancestrais, todas as práticas estabelecidas pela sua longa experiência – e fazer algo que o tornaria objeto da chacota da sua comunidade galileia.

## LANÇAR AS REDES

O mar de Pedro pode não ser o “mar” de toda a gente. Porém, este milagre é



reproduzido milhares de vezes, quando homens e mulheres concordam em servir, porque escolhem seguir a voz de Deus (veja Romanos 8:14). Talvez numa missão além-mar; ou, talvez, em apartamentos na baixa da cidade. Ou, então, fazendo um sacrifício financeiro; ou tentando, mais uma vez, partilhar a sua fé num lugar onde julgam ter falhado antes.

Lançar as suas redes pode significar investir os seus próximos seis anos numa comunidade necessitada, levando anos a conhecer os seus membros, de modo que possa encontrar formas apropriadas de alcançar o coração deles. Dar início a uma missão pode fazê-lo passar por prisões, lapidações, flagelações, naufrágios e fugas num cesto lançado sobre a muralha (II Coríntios 11:23-33). Para os jovens valdenses, iniciar uma missão significava infiltrar-se no coração do território inimigo com a Palavra de Deus, sabendo muito bem que muitos deles nunca regressariam a casa.

Os primeiros missionários Adventistas viajavam de carroça durante meses em áreas onde não havia a possibilidade de acesso a cuidados médicos. Eles estavam a partir para o “mar alto”, fosse ele as profundas selvas da América do Sul ou os baixios e os rápidos do Amazonas. E muitos daqueles que deram início a essas missões em resposta à ordem de Deus caíram e foram sepultados nas terras pelas quais se sacrificaram.

No século XIX, Lílias Trotter, uma jovem rica e artisticamente dotada, foi atraída por Jesus, dedicou-Lhe a sua vida e lançou-se no “mar alto”. Os principais críticos de Arte anunciavam

*O milagre que Deus pretende fazer em nós apenas necessita do milagre da conformidade obediente com a vontade de Jesus, milagre que espelha a declaração de Pedro: “Senhor, eu vou, porque Tu o dizes!”*

que ela estava provavelmente destinada a ser a melhor artista britânica do século XIX. Mas, deixando para trás a riqueza, o poder e o prestígio, Trotter mudou-se para o Norte de África, para passar 40 anos a partilhar o Evangelho com o povo da Argélia. Ela aprendeu árabe, fundou escolas, escreveu livros e folhetos, ajudou na tradução da Bíblia para árabe e empreendeu longas viagens no deserto, montada em camelos, para visitar as comunidades esparsas. Ela esteve ao serviço do Evangelho até à sua morte, e foi sepultada em Argel.

Nas praias da Galileia, Pedro pôs de lado o seu conhecimento especializado e lançou-se ao mar, porque Jesus lhe tinha dito para o fazer. Em Inglaterra, Trotter pôs de lado um brilhante futuro e foi para o Norte de África, porque Jesus dissera: “Ide!”

O milagre que Deus pretende fazer em nós e através de nós não necessita nem da nossa opinião, nem da nossa competência. Apenas necessita do milagre da conformidade obediente com a vontade de Jesus, milagre que espelha a declaração de Pedro: “Senhor, eu vou, porque Tu o dizes!”

# FÉ E FAMÍLIA

---

*Muitas manhãs e muitas noites vi a minha mãe de joelhos no seu quarto. Muitos entardeceres e muitos alvoreceres vi-a sentada na sua cama a ler a Bíblia. Ela ansiava que o meu pai, o meu irmão e eu também seguissemos inteiramente o Senhor Jesus. Ela ansiava que os seus amigos e a sua família conhecessem a alegria, o amor e a liberdade que tinha encontrado no Senhor.*

---

Cristina Jencks

Escritora free-lancer

Retirado da Adventist Review  
de maio de 2017.

A minha mãe cresceu numa pequena cidade de Portugal. Sendo a terceira mais velha de seis irmãos, ela era conhecida como a mais trabalhadora da família. Porque trabalhava do nascer do Sol ao pôr do Sol, sem a alimentação necessária para uma moça em crescimento, ela acabou por sofrer alguns problemas de saúde no fim da adolescência. Quando tinha 25 anos, casou com um jovem de uma cidade vizinha. O casal acabou por ter um filho e uma filha.

Tanto quanto me lembro, a minha mãe tinha uma forte fé em Deus. Durante os meus anos de infância em Portugal, lembro-me de ela rezar o rosário muitas noites, assistir à Missa cada domingo e frequentar a Catequese. A minha mãe amava Deus e amava a sua Igreja.

Eu também me lembro de muitas visitas do médico e de muitas idas ao hospital, dado que a minha mãe sofria de Lúpus. Os seus médicos encorajaram-na a emigrar para os Estados Unidos da América, onde o conhecimento da doença e os tratamentos disponíveis estavam mais avançados.

### **EM DIREÇÃO A OESTE**

Assim, aos 41 anos, Cidália e a sua família emigraram para Milford, Massachusetts. A mudança não foi fácil. A sua saúde deteriorou-se antes de começar a melhorar; as contas dos tratamentos médicos aumentaram e os meus pais foram forçados a aceitar trabalho em fábricas, para sobreviver.

No meio de tudo isso, a grande constante na minha vida era o amor da minha mãe e a sua profunda fé em Deus. Nós frequentávamos a Missa

*No meio de tudo isso, a grande constante na minha vida era o amor da minha mãe e a sua profunda fé em Deus.*

*Estando desejosa de ler a Palavra de Deus, a minha mãe não descansou enquanto não leu a Bíblia de capa a capa.*

todas as semanas e confessávamo-nos regularmente; o meu irmão e eu frequentávamos a Catequese. O Padre português da nossa paróquia era uma visita habitual no nosso lar, muitas vezes partilhando o jantar de domingo com a nossa família.

Então, um dia, tudo mudou. Depois da Missa de domingo, o sacerdote anunciou que tinha algumas Bíblias em português (Católicas, claro!) para vender. Também encorajou as pessoas que quisessem comprar uma que viessem ter com ele após a reunião na igreja. Não tendo dinheiro consigo, a minha mãe pediu ao meu pai que comprasse uma Bíblia. Ele achou que não era um investimento sábio, pelo que se recusou a fazê-lo.

Mas a minha mãe não ficou por ali. Abordando o seu irmão após o serviço religioso na igreja, ela pediu-lhe emprestado algum dinheiro. Estando desejosa de ler a Palavra de Deus, não descansou enquanto não leu a Bíblia de capa a capa. Ela também encorajou o meu pai a lê-la, o que ele fez periodicamente.

Os jantares de domingo com o nosso Padre tornaram-se tempos de questionamento. “Porque não guardamos o Sábado? Porque somos encorajados a orar a Maria e aos santos em vez de orarmos a Jesus? Por que razão confessamos os nossos pecados aos Padres?” A minha mãe não conseguia perceber por que razão a Igreja que ela amava não seguia os ensinamentos da Bíblia.

O nosso Padre tinha respostas, mas não satisfaziam a minha mãe. Ela ansiava por obter respostas que aquietassem o seu coração perturbado.

### **UM HOMEM QUE VENDIA LIVROS**

Um domingo, após a Missa, o Padre anunciou que um certo homem iria vender livros religiosos nas traseiras da igreja. O Padre tinha folheado os livros e considerava-os muito bons. Ele encorajou os seus paroquianos a deterem-se junto da mesa do homem

que vendia livros. A minha mãe achou os livros interessantes. Ela convidou o homem a visitar a nossa casa.

Aquele homem, Artur Oliveira, era um Colportor português, que, mais tarde, se tornou Pastor na Associação do Sul da Nova Inglaterra. Ele visitou a nossa casa e a minha mãe comprou *O Desejado de Todas as Nações*, *O Grande Conflito* e alguns livros infantis de histórias da Bíblia para mim (eu tinha então 13 anos).

Ela também tinha algumas perguntas: “Porque não guardamos o Sábado? Porque temos estátuas nas nossas igrejas? Porque somos encorajados a orar a Maria e aos santos, em vez de diretamente a Jesus? Porque confessamos os nossos pecados aos Padres?”

Estas perguntas deram lugar a estudos bíblicos, que levaram a minha mãe a abandonar a sua fé Católica. Foi também o início de uma perene perse-



guição por parte da nossa família Católica. O meu pai, um Católico nominal na melhor das hipóteses, proibiu a minha mãe de abandonar a Igreja dos seus pais. A avó da minha mãe encorajou o meu pai a divorciar-se da minha mãe para a obrigar a repensar a sua decisão. As minhas tias e os meus tios maltrataram-na e diminuíram-na, alegando que ela estava a ser alvo de uma lavagem cerebral. A minha mãe permaneceu firme, apesar de tudo.

À medida que a fé da minha mãe crescia, o meu pai proibiu o Colportor de voltar ao nosso lar ou de a contactar. Não havia uma igreja Adventista do Sétimo Dia por perto e a minha mãe não sabia conduzir, pelo que passava os Sábados em casa, a estudar a sua Bíblia e a orar. Depois de mais de um ano nesta situação, numa manhã de sábado, a minha mãe caminhou seis quilómetros até à paragem de um

autocarro que a levaria a uma cidade maior (sem saber se nela haveria uma igreja Adventista).

Após uma viagem de autocarro de 30 minutos, ela abordou um polícia que orientava o trânsito num concorrido cruzamento na baixa da cidade. Num inglês deficiente, ela perguntou-lhe se ele lhe podia indicar uma igreja que se reunia ao Sábado. O polícia, pensando que ela deveria ser de origem hispânica, chamou um táxi e deu ao motorista a morada de uma igreja próxima, na verdade uma pequena igreja domiciliar.

### **OUTRA FAMÍLIA**

O condutor do táxi parou junto da igreja Adventista do Sétimo Dia hispânica de Framingham, e a minha mãe nem olhou para trás. Ela encontrou uma família naquela igreja, que a acolheu de braços abertos. Embora eles tivessem, por vezes, dificuldade



*O mais profundo desejo da minha mãe não era viver uma vida longa e saudável, mas viver uma vida que honrasse Jesus, o seu Salvador e melhor Amigo.*

em entender o seu português, ela não tinha qualquer dificuldade em compreender o espanhol deles. Ela ficou entusiasmada por poder adorar com eles e, seis meses depois, tornou-se numa Adventista do Sétimo Dia.

Embora fosse repetidamente perseguida e ridicularizada pela família e pelos amigos, a sua fé nunca soçobrou. Ela partilhou a sua nova fé com todos os que a quisessem ouvir. Comprou Bíblias e livros para partilhar e convidou pessoas para virem à igreja com ela. Fazia a Campanha das Missões no trabalho, começou um grupo de estudo da Bíblia no seu lar, com alguns vizinhos e membros da família, e orava, orava, orava!

Muitas manhãs e muitas noites vi a minha mãe de joelhos no seu quarto. Muitos entardeceres e muitos alvoreceres vi-a sentada na sua cama a ler a Bíblia. Ela ansiava que o meu pai, o meu irmão e eu também seguíssemos inteiramente o Senhor Jesus. Ela ansiava que os seus amigos e a sua família conhecessem a alegria, o amor e a liberdade que tinha encontrado no Senhor.

Ela nunca se esqueceu do modo como o Senhor a tinha conduzido. Sabia que Ele tinha tido, desde sempre, um plano para a sua vida, e ficava

maravilhada com o modo como Ele tinha feito com que todas as coisas cooperassem para o bem dela. Quando faleceu subitamente, em 1998, com 68 anos, senti uma perda tão grande que chega a ser indescritível. Interroguei-me sobre a razão por que o Senhor a tinha levado quando ela ainda era tão nova, porque uma mãe tão cheia de amor e uma filha de Deus tão fiel não podia ter sido poupada, de modo a viver mais tempo. E, envergonho-me de o dizer, até me interroguei porque, se alguém tinha de morrer, não tinha sido antes o meu opressivo pai.

### **AS IMPRESSÕES DIGITAIS DE DEUS**

Foi diagnosticado cancro ao meu pai dois anos depois. Ele veio viver com a minha família e eu pude testemunhar a misericórdia, a graça e a tempestividade perfeita do Senhor. Agora, o meu pai estava a viver num lar onde havia estudo da Bíblia, oração e frequência da igreja.

O meu marido, que é Pastor, e os meus dois filhos puderam dar um testemunho ao meu pai que ele, por causa do orgulho, não teria recebido da sua esposa e da sua filha. À medida que ele viu a sua saúde deteriorar-se, começou a pedir-me que lhe lesse a Bíblia e que orasse por ele.

O mais profundo desejo da minha mãe não era viver uma vida longa e saudável, mas viver uma vida que honrasse Jesus, o seu Salvador e melhor Amigo. O modo como o meu pai mudou nos seus últimos anos foi a prova de que Deus tinha honrado esse desejo da minha mãe.

# QUEM ACREDITOU?



*O facto de tão poucos terem compreendido o significado da Sua morte deve ter partido o coração de Jesus!*

—  
Elsie Perry Jones  
*Enfermeira aposentada*  
*Retirado da Adventist Review*  
*de 8 de abril de 2010.*

“Quem acreditou naquilo que ouvimos? A quem foi revelada a intervenção do Senhor?” (Isaías 53:1, *BPT*.)

Quem, entre os amigos de Jesus, e qual dos Seus discípulos creu verdadeiramente no Seu futuro celestial? Quantos verdadeiramente creram que a morte não poderia detê-lo?

Lemos o seguinte no Evangelho de Lucas: “E [Jesus], tomando consigo os doze, disse-lhes: Eis que subimos a Jerusalém, e se cumprirá no Filho do homem tudo o que pelos profetas foi escrito; pois há de ser entregue às gentes, e escarnecido, injuriado e cuspido; e, havendo-o açoitado, o matarão; e ao terceiro dia ressuscitará” (Lucas 18:31-33).

Quando caminhava para Jerusalém, para passar a Páscoa, Jesus reuniu os discípulos na beira da estrada

e, de novo, recordou-lhes que, em Jerusalém, “o Filho do homem será entregue aos príncipes dos sacerdotes, e aos escribas, e condená-lo-ão à morte. E o entregarão aos gentios, para que dele escarneçam, e o açoitem e crucifiquem, e ao terceiro dia ressuscitará” (Mateus 20:18 e 19).

## ATÉ QUE PONTO ESCUTARAM ELES?

Será que eles escutaram atentamente as Suas palavras e as guardaram no coração? Será que fortaleceram a sua mente com a certeza da Sua prometida ressurreição?

Não! Em vez disso, ocuparam-se com os seus sonhos e com as suas questões sobre quem seria o maior quando Jesus Se sentasse no trono de David em Jerusalém. Um profundo ressentimento circulava entre os discípulos



depois de a mãe de Tiago e de João ter pedido que fossem conferidas honras especiais aos seus dois filhos.

Após a Ceia da Páscoa, em Jerusalém, naquela fatídica quinta-feira à noite, que marcaria a Semana da Paixão, Jesus disse aos Seus discípulos: “Todos vós, esta noite, vos escandalizareis em mim; porque está escrito: Ferirei o pastor, e as ovelhas do rebanho se dispersarão. Mas, depois de eu ressuscitar, irei adiante de vós, para a Galileia” (Mateus 26:31 e 32).

Quando Jesus foi suspenso da cruz, abandonado por todos aqueles que O conheciam, a profecia de Isaías foi cumprida. “Eu, sozinho, pisei o laçar”, tinha Isaías escrito sobre Jesus, “e dos povos ninguém houve comigo” (Isaías 63:3).

Onde estava Jairo, cuja filha Cristo tinha ressuscitado? Onde estavam os dez leprosos, com a sua renovada saúde e varonilidade? Onde estavam os 5000 e os 4000, que comeram os alimentos milagrosos que Jesus proveu e que beberam as Suas palavras como quem bebe a água da vida? Onde estavam os guardas do Templo que, quando foram enviados para deter Jesus, regressaram sem o seu alvo, dizendo maravilhados: “Nunca homem algum falou assim como este homem” (João 7:46). Onde estavam todas estas pessoas?

E porque teve Cristo de confiar a Sua mãe ao cuidado de João, quando Ele tinha tantos irmãos e tantas irmãs? Não terá sido porque nenhum deles estava presente para simpatizar com Ele e para O apoiar ou para apoiar a Sua mãe durante aquelas horas de agonia?

Segundo Marcos 15:40 e 41, “também ali estavam algumas mulheres, olhando de longe, entre as quais também Maria Madalena, e Maria, mãe de Tiago, o menor, e de José, e Salomé. ... e muitas outras, que tinham subido com ele a Jerusalém”. Estas mulheres (que O amavam) ouviram o Seu grito de morte, e choraram movidas por profunda tristeza. Elas correram para casa, de modo a preparar especiarias para o Seu sepultamento, quando deveriam estar a

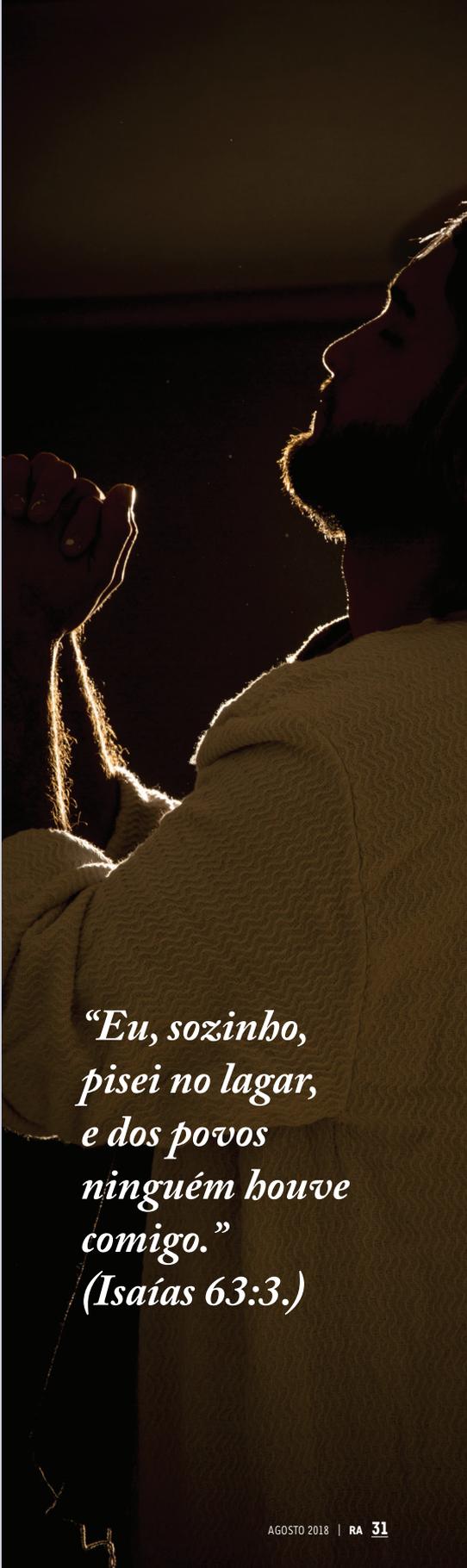
cozer bolos de tâmaras e de mel para celebrarem, quando ocorresse a manhã da ressurreição!

Ninguém, durante as trevas da hora nona, beijou aqueles pés trespassados pelos cravos e cobertos de sangue, que palpitavam em agonia. Ninguém gritou “*Shalom, shalom*, Mestre. Em breve Te encontraremos na Galileia, como prometeste.” Nicodemos, a quem Cristo tinha pregado sobre a graça durante a noite, trouxe cem arráteis de um composto de mirra e aloés para ungir o corpo do Senhor. Ele e José de Arimateia envolveram Jesus nos lençóis cheios de especiarias e colocaram-n’O no sepulcro novo, pensando que Jesus iria passar ali o longo sono da morte.

Em toda a multidão de testemunhas e de participantes, apenas uma pessoa foi uma bênção para Cristo nas Suas últimas horas. Apenas uma alma! Um ladrão que estava ciente da sua indignidade foi o único a testemunhar da sua fé na futura glória de Cristo e no Seu triunfo eterno. “Senhor, lembra-te de mim quando entrares no teu reino” (Lucas 23:42).

### **E QUANTO A NÓS?**

O que faríamos nós? Quem, entre nós, teria reagido de modo mais nobre do que Pedro naquela hora terrível? Quão profundo é o nosso amor por Jesus? Com que frequência Lhe expressamos a nossa gratidão pelo que Ele tem feito por nós? Quão diligentemente estudamos a Sua Palavra? Até que ponto estamos ansiosos por partilhar a nossa acalentada esperança com aqueles que estão ao nosso redor?!



*“Eu, sozinho,  
pisei no lagar,  
e dos povos  
ninguém houve  
comigo.”  
(Isaiás 63:3.)*

# DAR TESTEMUNHO DA FÉ



José Albino Freitas Vieira  
Pastor

*“Vinde, vede um homem que me disse tudo o que tenho feito. Porventura não é este o Cristo?”  
(João 4:29.)*

## TESTEMUNHAR É CONHECER

Todo o discípulo quer conhecer o seu mestre. Conhecer não implica somente ter um conhecimento físico. Vai muito além. Conhecer significa saber quem a pessoa é, como age e reage, isto é, qual o seu caráter.

O apóstolo João narra um episódio cheio de ternura e de amor pelas almas perdidas, como somente se encontram no coração de Cristo (João 4:4-42). Quando Jesus ia a passar perto de Sicar, enviou os Seus discípulos à cidade para comprarem alimento. Ele ficou ali, sentado na borda do poço que Jacob mandara cavar. Esse poço estava fora da cidade.

Como fazia quase todos os dias, uma mulher samaritana aproximou-se do poço e viu um Homem sentado ali. Estranhou que, àquela hora, estivesse alguém naquele lugar. Todos os habitantes da cidade estavam recolhidos em suas casas, porque era um dia de calor. Ela reparou que o Personagem era Judeu. Ficou mais descansada, porque, sendo Ele Judeu, não conheceria a sua história amorosa, nem lhe dirigiria a palavra.



Quando acabou de mergulhar o cântaro no poço e o retirou cheio, o Personagem estranho pediu-lhe água. Ao ouvir aquela voz, meiga, suave, cheia de respeito pelo ser humano, ela sentiu um sobressalto, não de medo, mas de admiração. Ela não Lhe deu a água. Mas a sua prioridade era saber a razão

por que pedira Ele água a uma mulher, na via pública, e sendo ela Samaritana.

### **JESUS VÊ NOS SEUS FILHOS QUALIDADES QUE NENHUM SER HUMANO CONSEGUE VER**

Que diálogo enriquecedor é então encetado por Alguém que ama o pecador e que deseja salvá-lo. Todos julgavam aquela mulher como sendo a escória da sociedade, sem direito de ser cidadã e, muito menos, de ser salva.

Jesus esquece-Se da sede. Vê à Sua frente uma discípula que, em breve, iria

**“DISSE-LHE JESUS:  
DÁ-ME DE BEBER.  
DISSE, POIS, A MULHER  
SAMARITANA: COMO,  
SENDO TU JUDEU,  
ME PEDES DE BEBER  
A MIM, QUE SOU  
MULHER SAMARITANA?”  
(JOÃO 4:7, 9.)**

levar a Sua mensagem a uma cidade. O objetivo de Cristo era dar a conhecer Quem era Ele (João 4:26). O que aquela mulher necessitava era de conhecer Cristo na Sua essência. Ali, ela recebe o verdadeiro conhecimento, não de um “profeta”, mas do Salvador, do Ungido, de Jesus Cristo, o Enviado de Deus.

Quando alcança esse profundo conhecimento sobre Quem é Cristo, ela esquece-se de si mesma e sente grande alegria no seu coração. Cheia

de gratidão, de louvor e de ânimo, vai à cidade anunciar que tinha encontrado o Messias. Ela não sabia se seria ouvida ou não pelos Samaritanos. O que ela sabia é que era desprezada e criticada pela vida amorosa que levava. Contudo, ela vai. Que mensagem levaria? Não tinha conhecimentos teológicos, nem um conhecimento profundo das Sagradas Escrituras. Ela sabia que, quando o Messias viesse, lhes explicaria tudo (João 4:25). A mensagem que levou era simples e convincente. Tinha encontrado o Messias. Ele era esse “Homem” que conhecia toda a sua vida. Contou-lhes a experiência espiritual que teve com Cristo. O seu apelo era direto e conciso: “Vinde, vede um homem que me disse tudo o que tenho feito. Porventura não é este o Cristo?” (João 4:29.)

### **QUANDO SE ENCONTRA CRISTO, E O AMAMOS, É IMPOSSÍVEL GUARDÁ-L’O PARA NÓS**

Quando encontramos Cristo, a nossa fé cresce de tal maneira que é impossível encerrá-l’O dentro de nós. Há uma necessidade de contar aos outros o que Cristo fez por nós.

É a nossa vivência diária, o andar com Deus dia-a-dia, que nos levará a contar aos outros o que é Deus para nós. Não nos podemos calar. É um fogo que arde. Escreve Jeremias: “Então disse eu: Não me lembrarei dele, e não falarei mais no seu nome; mas isso foi no meu coração como fogo ardente” (Jeremias 20:9). Que prazer sentimos em testemunhar sobre Alguém que tanto amamos e que acreditamos ter um imenso amor por nós! Jeremias, atormentado

pelo sofrimento, propôs no seu coração que não falaria mais de Deus. Seria ele capaz de o fazer? Não, não foi capaz. Porque a união com Deus, o companheirismo com Deus, não permitiram que Jeremias deixasse de falar do Deus que ele tanto amava e que conhecia.

Como podemos estar calados, sem falar do nosso Deus, que tanto amamos? Quando Deus é a nossa vida, falar de Deus é muito fácil. O nosso testemunho torna-se verdadeiro, sincero e fiel. Falar de Deus não é uma obrigação. Mas há motivos sublimes para o fazer: o amor, a alegria, o prazer e a gratidão.

### **TESTEMUNHAR DE CRISTO É UMA PROVA DE AMOR, DE GRATIDÃO E DE LOUVOR**

A obrigação é vazia de motivos e de significado. Testemunhar porque amamos Deus e amamos as pessoas por quem Jesus morreu é um privilégio, não uma obrigação. Nenhum Cristão quer perder este privilégio. Falar de Deus aos outros é a maior prova de gratidão por tudo o que Deus fez, está a fazer e fará por nós! As bênçãos de

Deus na nossa vida são bem visíveis aos nossos olhos.

Jesus faz a seguinte promessa: “Para que, onde eu estiver, estejais vós, também” (João 14:3). Esta promessa é real, é verdadeira. Acreditamos que estas palavras de Cristo se realizarão. Cristo diz-nos que vamos estar no mesmo lugar onde Ele irá estar. Cristo quer estar connosco, porque nos ama e deu a Sua vida para que isso fosse realizado. Será que eu quero estar sozinho com Cristo nesse lugar? Será que Jesus morreu somente por mim, e não pelos outros? Não sentirei prazer em transmitir aos outros a verdade sobre Aquele que é “o caminho, a verdade e a vida” (João 14:6)?

A maior prova que damos ao mundo de que verdadeiramente somos Seus discípulos e O amamos, de que acreditamos no imaculado sacrifício resgatador, remidor e salvador de Jesus Cristo, é fazer como a Samaritana fez. Ir com alegria, sem preconceitos, sem receios por aquilo que pensarão de nós, e anunciar tudo aquilo que Jesus está a fazer pelos seres humanos.

Dê Cristo ao mundo!

**FALAR DE DEUS AOS OUTROS É A MAIOR PROVA DE GRATIDÃO POR TUDO O QUE DEUS FEZ, ESTÁ A FAZER E FARÁ POR NÓS!**

# UM PADRÃO DIGNO DE SER SEGUIDO



**Pedro Esteves**

*Diretor da Área Departamental  
de Evangelismo da UPASD*

Cumprir o chamado de Cristo – “Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda a criatura” (Marcos 16:15) – ou dar resposta ao questionamento do apóstolo Paulo – “Como ouvirão, se não há quem pregue?” (Romanos 10:14) – parece ser, neste século XXI, e numa Europa secularizada e tão afastada dos valores bíblicos, uma missão demasiado difícil (até mesmo impossível) para que alguém consiga ter verdadeiro sucesso. O desejo que, seguramente, ainda arde no coração de

*“Como ouvirão, se  
não há quem pregue?”  
(Romanos 10:14.)*

muitos, de dar um testemunho vibrante da sua fé e da esperança na breve vinda de Jesus, esbarra muitas vezes na fria realidade da falta de interesse, das portas que não se abrem, dos colegas que não querem ouvir, dos familiares que nem permitem que se fale de “religião”. Se olharmos para dentro da Igreja, vemos com frequência o esfriar dos esforços evangelísticos, as saídas missionárias que juntam meia dúzia de irmãos resistentes, as campanhas com mais bancos vazios do que preenchidos. Muitas das nossas igrejas veem mesmo os anos passarem sem que haja qualquer crescimento.

Estarei a ser demasiado pessimista? O meu objetivo não é, seguramente, esse, mas, sem olharmos a realidade tal como ela se apresenta, dificilmente podemos fazer alguma coisa para a alterar. E, sobretudo, a reflexão que promove a mudança e a renovação parte precisamente de uma análise atenta do que está a ser feito, do que não foi feito e do que ainda pode ser feito. Há alguns meses falava com um responsável da nossa Divisão (EUD), que me contava acerca de um estudo que está a ser feito em algumas igrejas locais por toda a Europa, Adventistas e não só, que, no difícil contexto deste território com cada vez menos prática religiosa e filiação denominacional, parecem ser oásis no deserto e estão a crescer e a revelar um dinamismo muito fora do padrão comum. A análise que está a ser feita revela que existem algumas características comuns a estas igrejas, mesmo se elas estão implantadas em países e denominações diferentes, o que se pode revelar muito interessante para analisar. O Pastor com quem conversava falou-me de quatro dessas características:

- Uma liderança local forte.
- A missão como a visão orientadora e a prioridade estratégica.
- A maioria dos membros é “ganhadora de almas” e está equipada e envolvida no evangelismo.
- A existência de redes de pequenos grupos.

O espaço deste artigo não nos permite explorar cada uma destas características em detalhe, mas olhemos para este assunto a partir de diferentes perspetivas.

Se fizermos um exercício semelhante, que características encontramos nos primeiros anos da expansão da Igreja Cristã, a que habitualmente chamamos Igreja Primitiva? A História é sempre um livro aberto de ensino de preciosas lições, se quisermos aprender com ela.



Algumas destacam-se com facilidade, segundo o relato do Novo Testamento:

- Reuniões em casas e ao ar livre (Atos 2:46; Atos 16:13).
- Organização em pequenos grupos (Atos 5:42; Romanos 16:3, 5).
- Liderança local (Atos 20:28 e 29).
- Teologia a ser formada e descoberta (I Coríntios 15:3).
- Papel-chave dos dons (Efésios 4:11 e 12).

O que não poderíamos analisar em cada uma destas áreas! Mas façamos

ainda o mesmo exercício, olhando agora para a história da Igreja Adventista do Sétimo Dia, e vejamos como um grupo de crentes, saídos de um tremendo desapontamento, formou um movimento que cresceu rapidamente, apesar dessa circunstância tão adversa, e se tornou



numa grande Igreja espalhada pelo mundo inteiro. Que características definem o movimento Adventista “primitivo”?

- Reuniões em casas e espaços privados.
- Organizada em pequenos grupos ou congregações.
- Liderança natural e dinâmica.
- Revelação progressiva e teologia em formação.
- Papel-chave dos dons (como se revelou particularmente no dom profético concedido à jovem Ellen Harmon).

Na história do Cristianismo contemporâneo, é ainda de particular interesse o caso da Coreia do Sul, onde as Igrejas Cristãs tiveram um crescimento extraordinário e onde se destaca o caso da comunidade do Pr. David Cho. Com cerca de um milhão de

*A História e a prática revelam-nos que uma visão estratégica para a implementação de redes de Pequenos Grupos em cada igreja é a garantia de que os membros viverão uma experiência de reavivamento e envolvimento.*

membros, é considerada a maior igreja do mundo. O que aconteceu? A Igreja do Evangelho Pleno cresceu (imagine-se!) a partir de uma doença do seu Pastor, o qual organizou alguns homens para atuarem como líderes enquanto ele se recuperava. Na verdade, a igreja começou a organizar-se em células, a partir das casas dos crentes, e acabou por ser sob a influência da liderança de muitas mulheres, que se juntaram a este movimento, que se originou a grande multiplicação de membros. A igreja do Pr. Cho tem atualmente cerca de 150 mil células ou pequenos grupos ativos, com milhares de homens e mulheres na sua liderança, tendo-se tornado mesmo num movimento que se espalhou pelo mundo.

Olhando para estes vários “casos” analisados em contextos tão distintos, surge como que um padrão que os une e nos ajuda a compreendermos o poder de o aplicar. A que padrão me refiro? À existência de uma **Rede de Pequenos Grupos**:

– *Organizada*: porque é criada de forma intencional e estratégica.

– *Sistemática*: porque se prolonga no tempo e se torna parte da cultura eclesial.

– *Abrangente*: porque envolve uma maioria dos membros da comunidade de crentes.

tilho dois modelos de pensar e criar uma Rede de Pequenos Grupos, com o propósito de lançar o desejo de explorar mais a fundo este tema:

## 1. MODELO ORGÂNICO

– Desenvolvido no quadro de uma igreja local, pelo que deve influenciar todas as áreas da vida da igreja.

– Implica abdicar de algumas coisas com o propósito de evitar a dispersão de energias e de atenção numa grande diversidade de atividades ou ministérios. Ter uma rede de Pequenos Grupos ativa significa fazer escolhas e definir prioridades.



A História e a prática revelam-nos que uma visão estratégica para a implementação de redes de Pequenos Grupos em cada igreja é a garantia de que os membros viverão uma experiência de reavivamento e envolvimento (ou seja, o seu discipulado é reforçado), e que haverá crescimento, porque se multiplicam as oportunidades de testemunho e de decisões pelo Evangelho.

Para responder ao quadro negativo que apresentei na abertura, par-

– A sua eficácia e a sua implementação têm de resultar de uma decisão estratégica que pressupõe verificar e criar as condições necessárias para ter a igreja disposta a avançar. O Pastor, o Conselho de Igreja e a liderança local devem empenhar-se em atingir um alvo claro: ter a maioria dos membros de Igreja envolvidos na dinâmica dos Pequenos Grupos.

– Cada Pequeno Grupo funciona como uma igreja (à sua escala): tem o seu “Pastor”, que zela e cuida do seu

pequeno “rebanho”; tem atividades regulares; funciona como uma rede social, que apoia os seus membros e da qual todos se sentem parte, onde há espaço para relações de genuína amizade e confiança, onde se criam oportunidades de são convívio; é um espaço de estudo da Bíblia e de oração, onde a espiritualidade é desenvolvida e promovida; as pessoas têm oportunidade de ministrar de acordo com os seus dons e, por isso, todos se sentem úteis e valorizados; é um grupo de ação missionária e desenvolve planos intencionais de alcançar pessoas que ainda não conhecem Cristo.

## 2. MODELO EVANGELÍSTICO

– Não tem que envolver a igreja toda. A base para a criação dos Pequenos Grupos são as oportunidades reais identificadas.

– O foco está nas famílias ou nos crentes com potencial concreto de alcançar pessoas não-Adventistas, que pode existir por razões familiares, profissionais ou pelas características e pelos dons desses crentes ou dessas famílias.

– O princípio para o desenvolvimento deste modelo pode ser designado como “crescimento natural”, ou seja, as condições são avaliadas para que a “semente” – o Pequeno Grupo – seja lançada apenas onde parecem estar reunidas as condições para que haja “terreno fértil”.

– Cada Pequeno Grupo desenvolve uma estratégia específica e adaptada em função do público que pretende atingir. Isto implica questões como: os temas a abordar, a estrutura

e a liderança, os dias e os horários dos encontros, etc..

O ministério de Pequenos Grupos está ao alcance de todos, é realizável e adaptável às mais diversas circunstâncias e, por isso, todos os crentes podem ter um papel ativo e relevante na criação destas redes, que, se alcançarem cada igreja e família, alcançarão o nosso país. No início deste ano, abordei uma irmã na igreja onde sou Pastor atualmente. Fui observando que ela já tinha trazido várias pessoas à igreja e percebi que a sua rede de contactos era especial. Propus-lhe fazermos um Pequeno Grupo em sua casa e disse-lhe que eu fazia questão de estar presente e liderar com ela este grupo. A sua resposta imediata foi: “Não, Pastor, não vai ser em minha casa, vai ser no meu salão de cabeleireiro, que tem mais espaço, e, assim, posso convidar as minhas clientes.” Pela graça de Deus, e pelo empenho desta irmã, este Pequeno Grupo foi criado e vai consolidando o seu propósito. Várias clientes e amigas são presenças assíduas, estamos a criar laços de amizade e confiança com estas pessoas, e a Palavra de Deus está a ser aberta e apresentada. Algumas delas já vieram à igreja.

Em tempos tão difíceis para se dar testemunho, abrir as portas de cabeleireiros, escritórios, lojas ou casas e, ali, juntar amigos, para nos apoiarmos mutuamente, e mutuamente buscarmos a direção de Deus, tem um alcance e um potencial de grandes dimensões. No nosso território e em muitas das nossas igrejas, este potencial está seguramente ainda por explorar. Não estará na hora de o fazer?!

# COMO ME TORNEI ADVENTISTA?



**Luísa Reforço**  
*Anciã da igreja  
da Amadora*

Eu era uma jovem com uma grande paixão pela leitura. A partir dos treze anos comecei a ler os grandes clássicos, emprestados por um vizinho. Ele ofereceu-me também uma Bíblia Católica, que eu me deleitava a ler como se fosse história. Eu era uma jovem muito solitária e infeliz. Tinha uma baixa autoestima, agravada por uma educação muito rígida. Tinha uma formação Católica e ia todos os domingos à missa com a minha mãe. Mas sentia-me vazia e tinha uma ideia de Deus muito confusa. Tinha medo do inferno e não via como poderia escapar dele. Quando tinha 22 anos, já casada e com uma filha de dois anos, chegou ao meu local de trabalho um senhor que pretendia vender-me um livro com o título *Paz na Angústia*. Preocupada com o patrão, pedi ao senhor para esperar na

rua, pois eu estava quase a sair para o almoço. Este senhor disse-me que aquele livro tinha ajudado muitas pessoas. Porque gostei do título e porque paz era tudo do que eu precisava, comprei-lhe o livro. Enquanto caminhava para casa, abri a obra e deparei-me com a seguinte frase: “Existe em todo o homem um vazio que só a presença de Deus pode preencher.” Fiquei extasiada. Esta afirmação fez todo o sentido. A partir daí, li o livro rapidamente. Em cada página, o Senhor falava-me. Fui à Bíblia confirmar os versículos citados. Senti-me muito feliz, talvez pela primeira vez na vida. Mas, depois da euforia inicial, começaram as dúvidas, as perguntas para as quais, sozinha, não conseguia encontrar resposta. Dirigi-me ao Padre, que não conseguiu ajudar-me. Eu fora educada para acreditar que a

*“O Senhor fez grandes e maravilhosas coisas na minha vida. Deu-me um filho Seu como companheiro de jornada. Criámos juntos um Pequeno Grupo em nossa casa, do qual resultaram cerca de 10 batismos. Assim, pela leitura do livro Paz na Angústia, a minha vida foi transformada.”*

Igreja Católica era a Igreja verdadeira. Por isso, tive alguma relutância em procurar a Igreja Adventista do Sétimo Dia. No entanto, Fernando Chaij, o autor do livro que tanto me tinha impressionado, quase no final da obra afirma que pertencia a essa Igreja. Assim, venci o preconceito. Consultando a lista telefónica, encontrei o número da igreja Adventista do Sétimo Dia do Porto e liguei para lá. Atendeu-me a Obreira Bíblica Judite Mendes. Marcámos um encontro. Nesse encontro, estive também presente o Pastor Sérgio Teixeira. Ambos me receberam bem, esclareceram as minhas dúvidas e convidaram-me a fazer estudos bíblicos. Com muita oposição do meu marido e com muita desconfiança da minha mãe, lá comecei a estudar a Bíblia. Novos horizontes se abriram diante de mim. Vi o que a Bí-

blia ensinava sobre o dia de repouso, sobre a mortalidade da alma e sobre o amor de Deus. O Espírito Santo falou com poder ao meu coração, dizendo-me que esta era a Igreja verdadeira. Tive muitas dificuldades para seguir o Senhor. Muita perseguição familiar, com Bíblias e trimensários destruídos. Muitas vezes fui à igreja às escondidas. Mas, depois de ter decidido verdadeiramente seguir o Senhor, libertando-me das amarras que me prendiam a um relacionamento abusivo, o Senhor fez grandes e maravilhosas coisas na minha vida. Deu-me um filho Seu como companheiro de jornada. Criámos juntos um Pequeno Grupo em nossa casa, do qual resultaram cerca de 10 batismos. Assim, pela leitura do livro *Paz na Angústia*, a minha vida foi transformada. Que Deus seja louvado para sempre!



# JESUS, O AMIGO DAS CRIANÇAS



**Paula Amorim**

*Diretora-Associada da Área da Família da UPASD para os Ministérios da Criança*

## » VERSÍCULO 3D «

**“Deixai vir a mim os meninos...” [Marcos 10:14.]**

**Escreve este versículo com o nome de um colega num bonito coração e entrega-lhe.**

## » HISTÓRIA 3D «

Quando acordas de manhã, quem são as pessoas que vês logo? Mãe, pai, irmãos e família, certo? São as pessoas que estão mais perto e que cuidam de nós com

amor. Se, por vezes, temos que nos separar da família e dos amigos, sofremos muito. Lembras-te de como foi difícil ir à escola pela primeira vez e deixar a mãe e os restantes entes queridos? Parece que o coração se parte. Se pudéssemos escolher, teríamos ficado sempre com os nossos queridos e amigos.

No tempo de Jesus, as mães e os filhos passavam mais tempo juntos. Era ainda mais doloroso quando a família se separava. Jesus sempre desejou manter a família e os amigos unidos. Ele faz tudo para nos acompanhar sempre e para nunca nos sentirmos isolados. Ele sabe como é bom sermos queridos e apreciados pela família e pelos amigos. O próprio Jesus cuida de nós como um pai ou como uma mãe e recebe-nos como amigos.

Segundo a Bíblia, certa manhã, as mães trouxeram os filhos para serem



abençoados por Jesus. Certamente, elas tinham ouvido falar de Jesus, o novo Rabi, que, ao contrário de todos os outros, tinha prazer em receber as crianças. Quando alguns discípulos tentaram impedir que as mães e as crianças se aproximassem, Jesus foi firme em dizer que estaria sempre disposto a recebê-las como Amigo. Com este gesto, Jesus queria mostrar que as crianças são muito importantes para Ele. Na Bíblia, vemos muitos encontros entre Jesus e as crianças. Jesus sempre tomou tempo para ajudar as crianças. Jesus curou a filha de Jairo, contra todas as expectativas das pessoas que duvidaram do amor de Jesus pelas crianças. Jesus ressuscitou o filho da viúva de Naím, quando todos estavam sem esperança. E muitos outros meninos e meninas foram recebidos por Jesus, o nosso Amigo. Hoje, Jesus está tão perto das crianças como quando esteve aqui na Terra. Podes vir a Jesus com o teu medo, o teu problema ou a tua alegria, pois Ele já está de braços abertos para te receber e cuidar de ti e da tua família. Jesus é o Amigo que nunca falha!

### » DESCUBRE MAIS «

Na Bíblia, Deus chamou a alguém Seu amigo por duas vezes. Descobre quem, em Tiago 4:4 e em João 15:14. O amigo de Deus e de Jesus está à escuta da Sua palavra e tem prazer em obedecer-Lhe.

### » DESENVOLVE SEMPRE «

Uma das qualidades mais preciosas é ser amigo. Na Bíblia, um bom amigo estará sempre rodeado de amigos. Mais importante do que ter amigos é ser amigo. Quando somos atenciosos, procuramos o bem do outro e agimos para o vermos feliz, iremos ter muitos amigos. Uma pessoa amiga atrai amigos que a farão feliz (Provérbios 18:24).

### » DÁ-TE À OBRA «

Jesus é o melhor Amigo, pois deu a vida para nos salvar do grande perigo da morte. Agora, nós podemos demonstrar esse amor aos outros. Desenha a tua mão, que partilha o amor de Jesus, e em cada dedo escreve como podes ajudar um amigo, mostrando-lhe Jesus, o nosso Amigo e Salvador.

### » ATIVIDADES 3D «

Jesus ama cada criança. Descobre, no labirinto, a mensagem que Jesus tem para ti.



## Cinco dias para deixar de fumar em Angra do Heroísmo

1 MAI 2018 EURICO VIDRO,  
PROMOTOR BÍBLICO ACREDITADO

No período de 15 a 19 de abril, decorreu, nas instalações da Associação *Os Montanheiros*, na cidade de Angra do Heroísmo, um seminário *Cinco Dias para Deixar de Fumar*, ministrado pelo Dr. Emanuel Esteves, que veio acompanhado da sua esposa, Dr<sup>a</sup> Guida Esteves.

No dia 20 de abril fomos à Rádio Clube de Angra, onde o Dr. Emanuel Esteves deu uma entrevista, que foi difundida nos dias seguintes, contribuindo eficazmente para a divulgação do evento.

O seminário decorreu num ambiente de fraternidade, confiança e esperança. Tivemos a participação de 13 pessoas com vontade de deixar de fumar. Registámos, com satisfação, que cinco delas deixaram, efetivamente, de fumar. Não podemos deixar de orar por aqueles que ainda lutam com o “monstro da nicotina”, no sentido de ganharem forças e alcançarem a vitória.

Louvamos Deus pela realização do seminário, agradecendo a presença do Dr. Emanuel Esteves e da sua esposa, bem como o apoio do Departamento de Saúde e Temperança da UPASD, na pessoa do Pr. Daniel Bastos.



## Escola Cristã de Férias no LAPI Norte

1 JUN 2018 CÁTIA OLIVEIRA,  
LAPI NORTE

Pela primeira vez tivemos a oportunidade de convidar os funcionários do LAPI Norte a trazerem os filhos para o trabalho, durante três dias, nas férias da Páscoa. O número de participantes aumentava cada dia, pois as crianças participantes traziam outros amiguinhos. Para o dia de encerramento da nossa Escola Cristã de Férias contámos com a colaboração do CAOD, que nos trouxe momentos de louvor e de convívio muito agradáveis.

Iniciávamos todos os dias com uma meditação, seguida de atividades muito divertidas, como cânticos, gincanas, culinária, atividades de equilíbrio, trabalhos manuais e cognitivos. Cada dia oferecíamos exemplares da revista *Nosso Amiguinho* e da revista *Zona Y*. No último dia, os nossos pequenotes já nos pediam as revistas antes da hora!

Agradecemos a Deus pela oportunidade tão positiva que tivemos, e ficamos felizes com o *feedback* dos pais, que nos dizem que os seus filhos estão ansiosos por participarem numa nova Escola Cristã de Férias.



## Dia da Educação e Escola de Pais no Funchal

2 JUN 2018 PAULO SÉRGIO MACEDO,  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DA UPASD

Nos dias 26 a 28 de maio, a Educação esteve no centro da atenção na igreja e na Escola Adventista do Funchal.

No sábado, teve lugar o programa especial dedicado à Educação, organizado pela Secretária de Educação local. Os alunos da Escola Adventista do Funchal e as crianças da Divisão Infantil da Escola Sabatina ofereceram a todos os presentes três momentos musicais especiais e o Diretor do Departamento de Educação, Paulo Sérgio Macedo, pregou o sermão, relacionado com o mote da Rede Escolar Adventista do Sétimo Dia (“Olhar 3D”). No final, foram oferecidos convites para as famílias da igreja distribuírem por crianças da sua família, de amigos ou de conhecidos, na esperança de que possam, também elas, usufruir da bênção da Educação Adventista e do ambiente fraterno desta instituição. Houve ainda a oportunidade de apreciar uma exposição com trabalhos dos alunos da Pré-Primária e do Primeiro Ciclo, realizada nas salas da Escola. Da parte da tarde, a igreja reuniu-se para debater o tema “A Educação Adventista e a Missão da Igreja”, tendo

ficado clara a influência da Educação e, em particular, da frequência de um estabelecimento de ensino Adventista, na retenção dos jovens na Igreja.

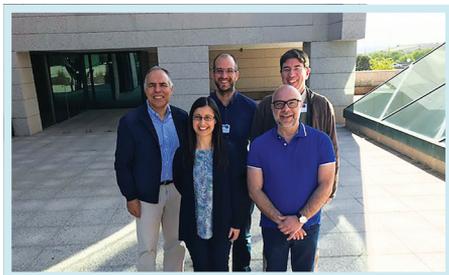
Na segunda-feira, o dia começou com uma Capelania na Escola, na qual, para além dos momentos de oração e de canto, tivemos a possibilidade de compreender o grande plano que Deus tem para a nossa vida, através da leitura do Salmo 103, versículos 2 a 5. Depois, foi oferecida uma Bíblia, forrada com as cores oficiais da REASD, a cada menino e menina que ainda não tinha este livro tão especial. No final da tarde, teve lugar uma Escola de Pais, na Escola Adventista do Funchal, com o tema: “Ligar ou Desligar? Desafios e Oportunidades das Tecnologias de Informação para a Educação.” Durante cerca de duas horas, o Diretor de Educação, o corpo pastoral, o corpo de docentes e não-docentes e os pais de alunos presentes discutiram os desafios e os benefícios que o uso de computadores, *tablets*, telemóveis e outros aparelhos aportam para a tarefa de educar. Entre as conclusões tiradas, salientam-se a importância de não descurar o exercício físico e a vida ao ar livre como contraponto à tecnologia, o cuidado com a proteção dos mais pequeninos face aos efeitos dos aparelhos eletrónicos, a atenção à harmonia familiar e a presença amiga e companheira dos pais na educação dos seus filhos. E lembraram-se sábias palavras, de um tempo em que nem se sonhava com o que a tecnologia seria nos dias de hoje: “O verdadeiro educador, conservando em vista aquilo que os seus discípulos

podem tornar-se, reconhecerá o valor do material com que trabalha. Terá um interesse pessoal em cada um dos seus alunos, e procurará desenvolver todas as suas faculdades” (Ellen G. White, *Educação*, Cap. 26, p. 232).

O Departamento agradece a todos os que possibilitaram esta visita, nomeadamente ao Pastor José Ma-

nuel Lagoa, à irmã Conceição Lagoa e à Professora Daniela Moreira, cumprimentando a igreja e a Escola pelo empenho no projeto educativo Adventista. Que continuemos a apoiar a igreja do Funchal e a Escola Adventista do Funchal, como verdadeiros faróis da mensagem cristã Adventista na bela Ilha da Madeira.

## NOTÍCIAS INTERNACIONAIS



### Convenção de Publicações das três Divisões Europeias

25 MAI 2018 | PAULO LIMA, EDITOR

De 14 a 17 de maio realizou-se, em Madrid, uma Convenção dos Ministérios das Publicações que reuniu representantes provenientes da Divisão Inter-Europeia, da Divisão Trans-Europeia e da Divisão Euro-Asiática. Entre as 60 pessoas presentes encontravam-se Diretores dos Ministérios das Publicações, Diretores de Casas Publicadoras, Diretores de Redação e Editores. A liderar a Convenção estavam também os líderes dos Ministérios das Publicações da Conferência Geral e das três Divisões europeias. Portugal esteve representado nesta Convenção por Artur Guimarães, Diretor de Pu-

blicações da UPASD e Diretor Geral da Publicadora SerVir, João Daniel Faustino, Diretor Financeiro da Publicadora SerVir, Lara Figueiredo, Diretora de Redação da Publicadora SerVir, Bruno Caixeiro, Diretor-Adjunto de Publicações, e Paulo Lima, Editor da Publicadora SerVir.

Durante os quatro dias de trabalhos foram dadas orientações para o desenvolvimento dos Ministérios das Publicações por parte dos líderes de Publicações da Conferência Geral, e foram também apresentados relatórios sobre o trabalho realizado no âmbito dos Ministérios das Publicações pelas diversas Uniões das três Divisões europeias. Os participantes tiveram também a oportunidade de fazer uma visita coletiva à Editorial Safeliz, nos arredores de Madrid.

Os trabalhos da Convenção foram muito profícuos, pois permitiram perceber o impacto e a importância que as Publicações e as Casas Publicadoras ainda têm na prossecução da missão Adventista nos campos europeus.



## Celebração dos 90 anos da Igreja Adventista em Itália

21 JUN 2018 ANN/RA

“Hoje desfrutamos de liberdade religiosa e eu quero agradecer por isso ao Governo Italiano”, disse Ted Wilson, Presidente da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Ele foi um dos convidados presentes em Roma por ocasião da comemoração do 90º aniversário da União Italiana das Igrejas Cristãs Adventistas do Sétimo Dia.

Nos dias 8 e 9 de junho, mais de 750 pessoas encheram a igreja na Piazza Vulture, Roma, para participarem na celebração da fé daqueles que lutaram durante anos para verem reconhecido na Itália o direito à liberdade de consciência. Stefano Paris, Presidente da União Italiana, acolheu calorosamente os partici-

pantes: “Estamos aqui para celebrar e recordar”, disse Paris na abertura do evento. Este evento foi seguido também através da transmissão realizada pelo *Hope Channel Itália* e pela Rádio Adventista italiana.

No dia 9 de junho deu-se a continuação do programa. O serviço de culto desse sábado incluiu uma comovente cerimónia. A União Italiana homenageou o Pastor Gianfranco Rossi, com 94 anos, que foi, durante muito tempo, Diretor do Departamento de Liberdade Religiosa e Assuntos Públicos na União Italiana e na Divisão Inter-Europeia. Foi-lhe oferecida uma placa comemorativa como sinal de gratidão e de apreço pelo seu compromisso com a defesa tenaz da liberdade religiosa dos Adventistas italianos junto das instituições civis e religiosas de Itália. Por detrás de um grande homem há sempre uma grande mulher. Assim, a Igreja italiana homenageou também Carmela Giorgini, esposa do Pastor Rossi. Ela recebeu igualmente uma placa comemorativa pela sua dedicação ao serviço da obra Adventista em Itália.



**RA**  
REVISTA  
ADVENTISTA

**OFEREÇA UMA ASSINATURA!** Como assinar? **219 626 200** ou **assinaturas@pservir.pt**

SIM, desejo oferecer uma assinatura da *Revista Adventista*: **1 ANO** [12 EDIÇÕES] = **19,00€** [IVA E PORTES INCLUIDOS]

Desejo receber a visita de um agente comercial

NOME

E-MAIL

LOCALIDADE

NIF

PAGO POR TRANSFERÊNCIA BANCÁRIA AO SANTANDER.  
**NIB 0018-0000-5087-6696-0010-7**

CHEQUE Nº

JUNTO ENVIO CHEQUE NO VALOR DA ASSINATURA,  
À ORDEM DE PUBLICADORA SERVIR, S.A.

BANCO

AUTORIZO O TRATAMENTO INFORMÁTICO DOS MEUS DADOS PARA  
EFEITOS COMERCIAIS DA PSERVIR COM BASE NA LEI EM VIGOR.

ANEXAR ESTE CUPÃO AO COMPROVATIVO DE PAGAMENTO (A ASSINATURA SERÁ VÁLIDA APÓS COBRANÇA DA MESMA.) E ENVIAR PARA:  
**PUBLICADORA SERVIR, S. A. – CONTROLO DE ASSINANTES – RUA DA SERRA, Nº 1 – SABUGO – 2715-398 ALMARGEM DO BISPO.**



# IDE

15 E 16 SETEMBRO

1º CONGRESSO ONLINE DOS MINISTÉRIOS PESSOAIS

Um evento 100% *online* que será uma grande oportunidade de formação em discipulado e em muitas áreas práticas para o ministério pessoal. Visite a página: [congressoide.adventistas.org.pt](http://congressoide.adventistas.org.pt) e vá conhecendo toda a informação.

No fim de semana 15 e 16 de setembro assista, em casa, ou na sua igreja, aos muitos seminários que estarão disponíveis.

## SEMINÁRIOS DISPONÍVEIS:

Estudos Bíblicos que Mudam Vidas

O Clube dos Pregadores Vivos

Do Estudo da Palavra à Proclamação da Palavra

Fechando a Porta de Saída

A Indispensável Arte da Visitação

Como Alcançar os Meus Vizinhos para Cristo

Culto Familiar: Porquê? Como? Quando? O Quê?

Estilo de Vida e Testemunho: Aliados de Sucesso

Quero Falar de Jesus a um Amigo Ateu ... e Agora?

Duplas Missionárias: em Busca de Solo Fértil

Pequenos Grupos: um Olhar sobre Casos Inspiradores

Testemunho em Ambiente Profissional: Missão Impossível?

Evangelismo Permanente

**RA**  
REVISTA  
ADVENTISTA

**GOSTOU DA LEITURA DA RA? DÊ O SEU TESTEMUNHO, OFERECENDO UMA ASSINATURA. BENEFICIE ALGUÉM COM ESTA OFERTA ENRIQUECEDORA E RECOMPENSADORA!**

Como assinar? 219 626 200 ou [assinaturas@pservir.pt](mailto:assinaturas@pservir.pt)

NOME

MORADA

CÓDIGO-POSTAL

LOCALIDADE

E-MAIL

CONTACTO

PREENCHA OS DADOS DO OFERTANTE NO VERSO DO CUPÃO.

DADOS DO ASSINANTE